

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 2000 n.12 out/dez

# Cadernos de Tradução

P  
400  
A1Z

Instituto de Letras



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 12

Outubro-Dezembro 2000

# Cadernos de Tradução

*Instituto de Letras*

Nº 12 – Outubro - Dezembro de 2000

## SUMÁRIO

|                                                                  |      |
|------------------------------------------------------------------|------|
| APRESENTAÇÃO .....                                               | 5 ✓  |
| VIDA E OBRA DE GÜNTER GRASS.....                                 | 7 ✓  |
| Márcia Ivana Lima e Silva                                        |      |
| O DISCURSO PERANTE À ACADEMIA SUECA (FRAGMENTOS).....            | 13 ✓ |
| Günter Grass                                                     |      |
| <i>Tradução: Erica Schultz</i>                                   |      |
| O NOBRE SENHOR DE FRAQUE (ENTREVISTA DA RÁDIO BREMEN, 1999)..... | 17 ✓ |
| <i>Tradução: Jaques Ximendes Beck</i>                            |      |
| O QUE PERDURA VIRA NOBEL.....                                    | 23 ✓ |
| J. Busche                                                        |      |
| <i>Tradução: Leandro Zanetti Lara</i>                            |      |
| O SOCIAL-DEMOCRATA COMO ANARQUISTA.....                          | 29 ✓ |
| H. BoettigerJ. Busche                                            |      |
| <i>Tradução: Michael Korfmann</i>                                |      |
| GÜNTER GRASS - ESCRITOR E CIDADÃO ENGAJADO.....                  | 35 ✓ |
| Pontos de vista, opiniões e idéias compilados por                |      |
| Elke Dierks e Gina Brusamarello                                  |      |
| <i>Tradução: Elke Dierks e Gina Brusamarello</i>                 |      |
| O CANIBAL - GÜNTER GRASS E AS MULHERES.....                      | 49 ✓ |
| Ariane Barth                                                     |      |
| <i>Tradução: Espártaco Dutra</i>                                 |      |
| CRONOLOGIA DA VIDA E OBRA DE GÜNTER GRASS.....                   | 55 ✓ |
| <i>Tradução: Luciane Leipnitz</i>                                |      |
| MAPA DA ALEMANHA (1914).....                                     | 61   |
| MAPA DA ALEMANHA (1949-1989).....                                | 62   |





## Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

---

Diretora: Prof<sup>ª</sup>. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof<sup>ª</sup>. Sara Viola Rodrigues

### COMISSÃO EDITORIAL

Prof<sup>ª</sup>. Sônia Terezinha Gehring

Prof<sup>ª</sup>. Patrícia Chittoni Ramos

Prof<sup>ª</sup>. Erica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Prof<sup>ª</sup>. Elke Diercks

Revisão deste numero: Prof<sup>ª</sup>. Márcia Ivana Lima e Silva  
Prof<sup>ª</sup>. Kristiane Kieling  
Gina Brusamarello

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: [iletras@vortex.ufrgs.br](mailto:iletras@vortex.ufrgs.br)



Foto: Hans Mehlin, Nobel e-Museum  
<http://www.nobel.se/literature/laureates/1999/grass-award.html>

## Apresentação

güntergrass  
grassgrün grüngerass  
grüngerass grassgrass  
güntergrass

Quando o escritor alemão Günter Grass recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1999, após passar a primeira emoção e certo orgulho, perguntei-me o que poderia ser feito, dentro de nossas modestas possibilidades, para homenagear o escritor, contribuindo para um maior conhecimento de sua obra e vida.

Começamos com pequenos passos - já que os grandes são difíceis de realizar - apresentando um painel sobre Günter Grass na Semana de Letras de 1999. O painel, montado pelos alunos da disciplina Cultura Alemã II, mostrava a vida de Günter Grass como escritor e artista plástico, resumos das obras principais, comentários, desenhos etc., além dos livros disponíveis na Biblioteca do I. L., do Instituto Goethe e do Setor de Alemão, bem como um vídeo de uma entrevista com o escritor.

O interesse do público foi estimulante. E em uma das conversas, nosso colega de trabalho Leandro Bierhals Bezerra sugeriu-me fazer um número do Caderno de Tradução, dedicado exclusivamente a Günter Grass. Uma excelente idéia!

Prontamente convidei a profa. Márcia Ivana Lima e Silva, do Departamento de Teoria Literária, a profa. Erica Sofia Schultz, o prof. Michael Korfmann e a monitora Gina Busamarello do Setor de Alemão para trabalhar neste projeto.

Nosso desejo era traduzir textos e também algumas poesias de Günter Grass. Até pensamos em publicar as poesias em Alemão e Português. Mas os direitos autorais! Lá estava o primeiro grande empecilho para o nosso trabalho.

E assim resolvemos traduzir para este Caderno de Tradução textos escritos sobre Günter Grass em revistas e jornais alemães, publicados de preferência depois de sua premiação com o Nobel de Literatura.

Desta maneira a professora Érica prontificou-se a traduzir fragmentos do discurso proferido por Günter Grass, na Academia Sueca, ao receber o prêmio.

O prof. Michael escolheu uma entrevista com o escritor depois da Premiação, e dois textos de teor mais crítico sobre o autor e sua obra, um deles, por exemplo, com o sugestivo título "O nobre senhor de fraque".

Eu me interessei por Günter Grass como *escritor e cidadão engajado*, procurando, em diferentes depoimentos como discursos, entrevistas etc., suas



idéias, pontos de vistas, opiniões, pensamentos, sugestões sobre os problemas atuais da sociedade alemã e do mundo contemporâneo.

A professora Márcia Ivana dedicou-se a escrever uma introdução sobre a vida e obra de Günter Grass.

Gostaria de agradecer a todos os participantes que tornaram realidade este Caderno de Tradução, em especial aos alunos e sobretudo à monitora Gina Brusamarello pela sua incansável ajuda.

Espero que algum dia se possa publicar outro Caderno no qual falará somente o escritor Günter Grass, o maior escritor alemão contemporâneo, figura pública, provocante e polêmica na sociedade alemã.

Profa. Elke Diercks  
Organizadora

## Vida e obra de Günter Grass

Márcia Ivana Lima e Silva<sup>1</sup>

O Prêmio Nobel de Literatura concedido a Günter Grass em 1999 foi o coroamento de uma carreira repleta de sucessos, a qual inclui romances, dramas e poesias.

Filho de pai alemão e mãe polonesa, Grass nasceu a 16 de outubro de 1927 em Danzig, onde passou sua infância e juventude. Durante a Segunda Guerra, foi soldado da defesa antiaérea e, até 1946, serviu nas prisões norte-americanas. Trabalhou como agricultor, até chegar em Dusseldorf para estudar escultura na Academia de Arte, na qual permaneceu de 1949 a 1952. Depois foi para Berlim estudar na Escola Superior de Arte. A partir de 1957, viveu alguns anos como pintor, escultor e artista gráfico entre Paris e a Itália, iniciando sua produção escrita pela poesia e pelo drama. Em 1959 estreou na prosa com *O tambor*, romance que o fez conhecido mundialmente, sem, entretanto, abandonar as outras expressões artísticas.

Em 1957 apareceram as peças *Tio, tio*, *Os cozinheiros zangados*, *A dez minutos de Búfalo* e *Enchente*, as quais já apresentam a crítica política e social e o estilo corrosivo que serão sua marca. As situações absurdas aparecem nas suas primeiras produções, como é o caso de *Tio, tio*: um assassino sistemático que mata até crianças; ou ainda o caso dos cinco cozinheiros que perseguem uma receita escondida, sendo aos poucos substituídas por situações realistas, o que torna possível acompanhar a trajetória criativa de Grass. O absurdo é uma construção ficcional com o objetivo de criticar a organização social e política da Europa no pós-guerra.

Na década de 60, Grass lançou *Os plebeus ensaiam a revolução* e *Em frente*, consideradas suas melhores peças pela crítica. Nelas encontramos, além do conteúdo de crítica política, uma experimentação teatral através do artifício do “teatro sobre teatro”, ou seja, a “Teoria do palco” (Theorie der Buhne). A crítica social e política é uma constante em sua produção literária, mesmo que os artifícios ficcionais e o gênero literário mudem. Seus três primeiros trabalhos em prosa – *O tambor*, *Gato e rato* e *O cão de Hitler*, batizados de a Trilogia de Danzig – fizeram-no conhecido internacionalmente. A temática de pano de fundo é a cidade de Danzig, topografia explorada em seus aspectos geográficos, sociológicos e psicológicos, o que coloca Grass entre os grandes romancistas europeus que utilizam sua cidade como microcosmo de representação do mundo.

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras - UFRGS.

Em *O tambor*, de 1959, Grass parte do ponto de vista pessoal do menino-anão Oskar Matzerath para contar a história da Alemanha entre os anos de 1933 e 1945, com um recuo temporal até a era de Wilhelm e um olhar em perspectiva, tentando antever a situação política da Alemanha Ocidental do pós-guerra. Situado em baixo da mesa, Oskar desiste de crescer aos três anos de idade, utilizando como único meio de comunicação com o mundo seu tambor. Através de seus olhos, é apresentado o quadro da mentalidade pequeno-burguesa da época e suas consequentes atitudes morais e políticas. Tal perspectiva serve como forma de desmascarar satiricamente a dualidade de posição das classes sociais, bem como de pôr em relevo o jogo político que se operou naquele delicado momento da história alemã.

A história de *Gato e rato*, de 1961, também situada na pequena cidade de Danzig, repete a perspectiva pessoal, agora através do estudante Joachim Mahlke, outrora um cavaleiro das cruzadas. Apelidado de rato pelos colegas, devido a seu engraçado pomo-de-adão, que o fazia sentir-se superior por estar associado à masculinidade precoce. Tal atributo foi a razão de sua gloriosa carreira militar, mas também de suas falhas humanas e de seu trágico declínio. A história de Mahlke tem como pano de fundo o momento do nazismo, o qual é criticado através de suas vivências escolares e militares, mostrando como foi forjado o espírito nazista.

*O cão de Hitler*, de 1963, relembra a situação política da Alemanha nos primeiros 50 anos do século XX, através da história do conflito entre Walter Matern e seu amigo meio-judeu Eduard Amsel. Nesse romance, as representações políticas tomam maior corpo, principalmente com a estranha figura de Amsel, um artesão de espantalhos, que começa construindo-os como brinquedos, mas que, ao final, produz, numa mina, superdimensionados espantalhos, grotescas caricaturas da humanidade. A temática política ainda pode ser encontrada em seus romances *Anestesia local*, de 1969, e *Diário de um caracol*, de 1972.

A poesia de Grass tem uma estreita conexão com seus desenhos, marcada pela espontaneidade realista, a qual incita o posicionamento do leitor com ironia, ao mesmo tempo, rude e refinada. Sua polêmica produção lírica é quase um “ensaio político”<sup>2</sup>, porque Grass usa a palavra não apenas como meio de retratar os problemas sociais como também de expressar seus posicionamentos e controvérsias em relação aos colegas e aos políticos. Ainda que preocupado com o problema

<sup>2</sup> A esse respeito, há o seguinte depoimento de Grass:

“In meinem Gedichten versuche ich, durch überscharfen Realismus fassbare Gegenstände von aller Ideologie zu befreien, sie auseinander zu nehmen, wieder zusammen zu setzen und in Situationen zu bringen, in denen es schwerfällt, das Gesicht zu bewahren, in denen das Feierliche lachen muss, weil die Leichenträger zu ernste Miene machen, als dass man glauben konnte, sie nehmen Anteil.

Oft kommt mir mein anderer Beruf entgegen und erlaubt, den zu fixierenden Gegenstand von allen Seiten zu zeichnen. Erst dann erfolgt die Niederschrift des Gedichts. Die Aufgabe des Versemachens scheint mir darin zu bestehen, klarzustellen und nicht zu verdunkeln; doch muss man manchmal das Licht ausknipsen, um eine Glühbirne deutlich machen zu können.”

(WOLFF, Horst (org). *Lyrik unserer Zeit*. Dortmund: Stadtische Volksbuchereien, 1958.)

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 7-9, out-dez, 2000.

existencial ou com as relações amorosas, Grass não perde de vista a inserção social do homem nem seu papel político, buscando constantemente a igualdade de manifestação das ideologias e o papel da poesia como meio de veiculação delas.

Os textos de Grass são marcados por uma linguagem precisa e econômica, sempre abordando os temas de forma realista e crítica. Seja qual for a temática, suas histórias surpreendem o homem em seu cotidiano de luta pela sobrevivência. Captam o leitor pela vivacidade das personagens, bem como pela crueza e pelo realismo de seus destinos numa sociedade em acelerado processo de transformação. O grande valor de Gunter Grass reside no fato de ter recriado um mundo e uma época de intensas movimentações políticas, as quais mudaram o modo de encarar o papel do homem dentro dessa nova estrutura social que se formava.

Antes mesmo do Prêmio Nobel, Grass já havia inscrito seu nome na História da Literatura pela linguagem vigorosa e de fácil comunicação e pela temática ligada ao cotidiano e à sobrevivência. Tais características propiciaram a aproximação com todos os tipos de leitores, desde o médio, incapaz de um alto requinte artístico, até o mais exigente, ávido por experimentações estéticas refinadas. Além disso, Gunter Grass é um intelectual de imensa importância no cenário da cultura ocidental contemporânea, por seu engajamento político, principalmente ligado ao Movimento dos Direitos Humanos.

## BIBLIOGRAFIA

BRAUNECK, Manfred (org). *Autorenlexikon: deutschsprachiger Literatur des 20. Jahrhunderts*. Hamburg: Rowohlt, 1984.

WOLFF, Horst (org). *Lyrik unserer Zeit*. Dortmund: Stadtische Volksbuchereien, 1958.

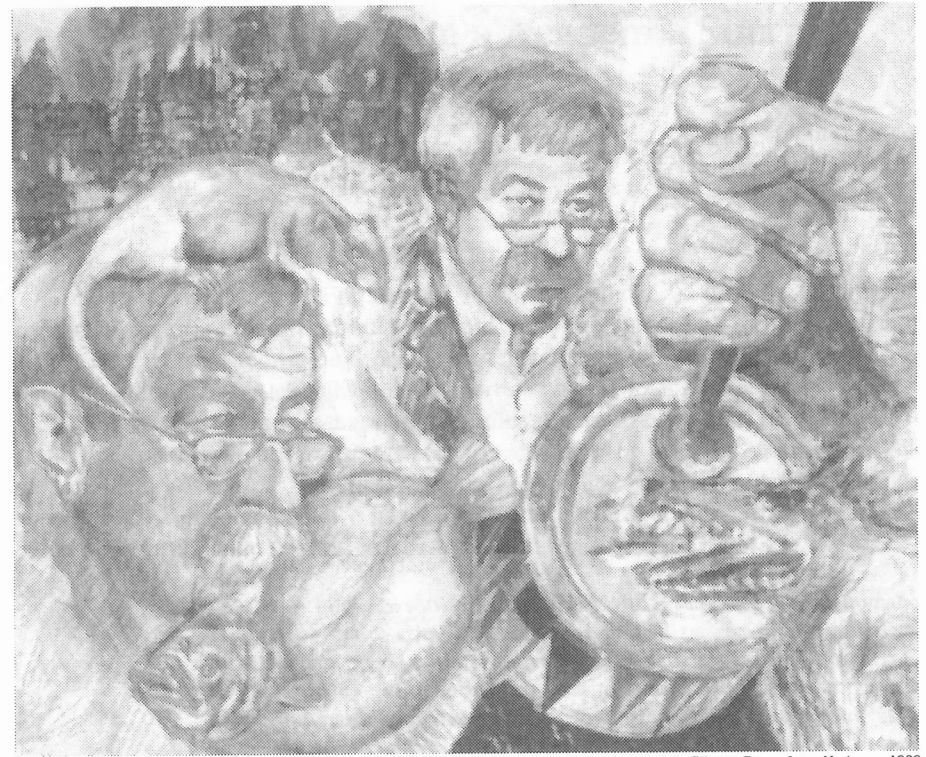


Foto da Capa do vídeo *Porträt Günter Grass*. Inter Naciones, 1989



# O discurso perante à Academia Sueca<sup>1</sup>

Günter Grass

Tradução: Erica Schultz

Com o título de “Fortsetzung folgt...”(Continua...), fórmula empregada para sinalizar o fim de um capítulo nos romances publicados nos jornais do século XIX, Günter Grass aborda questões do fazer literário, sua formação de escritor, o papel da literatura na Alemanha do pós-guerra e no mundo contemporâneo.

Não apenas os romances em capítulos precisam continuar, mas também o “*contar histórias como forma de sobrevivência e de arte*”. A promessa da continuidade deve estar presente em toda a obra literária. Em seus comentários sobre a necessidade de contar e ouvir histórias que continuem indefinidamente e o caráter primordialmente narrativo e *oral* da literatura, escreve Grass:

“Desde o início contavam-se histórias. Muito antes do gênero humano exercitar-se na escrita e lentamente alfabetizar-se, todos contavam histórias para todos e um prestava atenção na narrativa do outro. Logo surgiu entre os que ignoravam a escrita aqueles que narravam mais e melhor ou que sabiam mentir mais convincentemente. E entre eles havia ainda os que dominavam a arte de represar o fluxo tranqüilo de sua narrativa, permitindo que a massa reprimida de relatos invadissem as margens, criando um afluente que jamais secava, para repentina e surpreendentemente encontrar um amplo leito de rio que agora impulsionava resíduos de toda a espécie e conduzia a tramas secundárias. E estes narradores primevos - que não dependiam da luz do dia ou de lâmpadas e mesmo na escuridão sabiam urdir suas histórias ; sim, sabiam como obter uma tensão adicional da escuridão ou da meia-luz, não temiam as privações e tempestades e só interrompiam o curso de sua narrativa com a promessa de “continua...” devido ao cansaço que em todos se manifestava - estes contagiavam ouvintes que também sabiam narrar, ainda que de forma não tão copiosa.

O que se contava, quando ninguém sabia escrever, anotar? Do princípio, desde Caim e Abel, falava-se muito de assassinatos e violência. Vingança, sobretudo a vingança com sangue, era assunto para as histórias. E já no início o genocídio era um tema habitual. Mas também se relatava de inundações e secas, de anos gordos e anos magros. Não se evitavam longas listas de propriedade de gado e gentes. Nenhuma história podia prescindir, caso quisesse ser ouvida como verdadeira, de longas listas genealógicas - quem nasceu após quem e

---

<sup>1</sup> Copyright ©1999 The Nobel Foundation

antes de quem. Semelhante caráter genealógico também se apresentava nas histórias de heróis. Até mesmo os ainda hoje apreciados triângulos amorosos, bem como casos sobrenaturais em que seres metade homem, metade animal dominavam labirintos ou espreitavam dos juncos nas margens provavelmente já eram componentes constantes das narrativas. Sem esquecer das lendas de deuses e divindades, bem como viagens de navios cheias de aventuras, que eram contadas adiante, aprimoradas, complementadas, variadas, viradas ao avesso e finalmente anotadas por um narrador que dizer ter se chamado Homero ou por um coletivo de escritores - que foi o caso da Bíblia. Desde então existe a literatura. Na China, na Pérsia, na Índia, no Altiplano do Peru e em todos os lugares em que surgiu a escrita, foram narradores que individual ou coletivamente estabeleceram seu nome como literatos ou ficaram no anonimato.

O que permanece para nós, tão exageradamente fixados na escrita, é a lembrança das histórias contadas, da origem oral da literatura. Caso tenhamos esquecido que toda a narrativa surgiu inicialmente dos lábios, por vezes palatal, hesitante, para então ser novamente acelerada, como que movida pelo medo, ou sussurrada, como se o segredo revelado devesse ser protegido de demasiados cúmplices, para então voltar a ser contada em alto e bom som, entre gritos de triunfo ou perguntas que sempre perseguiram com faro aguçado as coisas primeiras e últimas - caso que, aferrados à escritura, tenhamos esquecido de tudo isso, então nossas narrativas serão apenas papel sem valor, ao invés de transportadas por nosso fôlego úmido”.

Em sua infância em Dantzig já se manifestava o amor pelos livros e aos doze anos estava decidido a ser artista. Sua primeira tentativa literária aconteceu um ano mais tarde, quando escreveu um romance para um concurso literário da revista “Hilf mit!”, da Juventude Hitlerista. O projeto fracassou, porque todos os personagens principais já estavam mortos no final do primeiro capítulo. A experiência que não o desencorajou, mas ensinou ao escritor a “*em suas narrativas futuras, lidar de forma mais cautelosa e econômica com o pessoal ficcional*”.

O trauma do fuzilamento de um tio por forças nazistas parece ter sido o elemento desencadeador de sua postura crítica diante do poder e do engajamento político de seus textos. Cedo em sua carreira percebeu que tal posicionamento nem sempre era compreendido como uma forma de amor ao próprio país, fazendo com que se habituasse ao rótulo de “autor controverso”. A literatura se torna incômoda aos poderosos, porque demonstra que não existe uma verdade única, mas uma pluralidade de verdades. Ela é perturbadora quando não se identifica com os poderosos, mas dá voz aos perdedores de um processo histórico e conseqüentemente questiona a vitória.

Para um escritor alemão que iniciava sua carreira nos anos 50, o passado recente da barbárie nazista parecia sinalizar que não poderia haver um “continua...” para a literatura alemã, cuja língua havia sido corrompida pelo nacional-socialismo.

Grass e sua geração tomaram para si a tarefa de “...*renegar as grandezas absolutas, o preto e branco ideológicos. A dúvida e o ceticismo nos impulsionavam, oferecendo-nos de presente a variedade dos tons de cinza*”

Novamente estamos em uma época em que as vozes dominantes gritam que não há mais possibilidade de continuar. Impera a verdade única do fim da história, do dogma do livre mercado, inquestionável e sem alternativas. A esperança de Grass é que a literatura passe a ser o meio de romper com o dogmatismo da ideologia da globalização, que aponte para os tons de cinza existentes entre o preto e branco das verdades absolutas de nossa era. O progresso científico-tecnológico não veio acompanhado pela diminuição das disparidades sócio-econômicas. Pelo contrário, a pobreza vem se transformando em miséria e a fome está aumentando. Em 1973, o então primeiro-ministro Willy Brandt declarou perante as Nações Unidas “a fome também é guerra!”. A frase serve de base para os três últimos parágrafos do discurso de Günter Grass.

“Estava presente quando este discurso foi proferido. Na época estava escrevendo meu romance “Der Butt”, que trata da alimentação, a base primária da existência humana, e portanto, da escassez e do excesso, dos grandes comilões e dos inúmeros famélicos, dos prazeres da mesa e das migalhas de pão que caem da mesa dos ricos.

Este tema permanece. À riqueza acumulada responde a pobreza com índices ascendentes de crescimento. Por mais que os abastados Norte e Ocidente se resguardem sedentos de segurança e queiram afirmar-se como fortaleza contra os pobres do Sul, acabarão por serem atingidos pelas levas de refugiados, nenhuma tranca resistirá ao abalo dos famintos.

Esta história será contada no futuro. Afinal, o romance de todos nós precisa continuar. E mesmo que algum dia ele não possa ou não venha a ser escrito ou impresso, que não sejam encontrados livros enquanto instrumentos de sobrevivência, sempre haverá contadores de histórias que com sua boca inspirarão vida em nossos ouvidos, novamente fiando os fios de velhas histórias, em alto e bom som e em murmúrios, empolgados e hesitantes, por vezes próximos ao riso, por vezes próximos às lágrimas.”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> O discurso de Günter Grass, que não pode ser traduzido na íntegra por questões de direitos autorais, pode ser lido em versão alemã e inglesa no endereço [http://www.nobel.se\(N.da T.\)](http://www.nobel.se(N.da T.)).

# O nobre senhor de fraque<sup>1</sup>

Tradução de Jaques Ximendes Beck<sup>2</sup>  
Supervisão de Michael Korfmann<sup>3</sup>

## Harro Zimmermann:

*Senhor Grass, quem o observou na solenidade em Estocolmo, teve a impressão de ver um premiado feliz consigo mesmo. O senhor pode descrever o que sentiu naquela ocasião?*

## Günter Grass:

Senti uma estranha mistura de alta tensão e alívio. O caso é que eu sou considerado na Alemanha um autor 'polêmico'. Eu já não agüento mais ouvir essa palavra. Eu percebo isso sempre como algo cansativo, pois até as manchetes de alguns jornais alemães eram realmente hostis. Isso vale para o Springer Presse, para o Frankfurt Allgemeine Zeitung entretanto isso vale ainda também para o Frankfurter Rundschau. E lá em Estocolmo a recepção foi maravilhosa, não apenas referente aos acontecimentos oficiais, mas também a recepção do comitê da Academia Sueca, que decide sobre o prêmio Nobel para literatura, ocorreu de forma muito amigável e agradável. Foi surpreendente para mim a sua compreensão literária do meu trabalho, raramente experimentada na Alemanha. Isso tudo certamente ajudou-me a fazer o papel de um autor feliz. E há outras coisas que contribuíram para isso. Me permiti o prazer de convidar minha família, meus filhos e alguns netos. E isso também contribuiu para estabelecer, mesmo no círculo dos premiados de outras áreas, uma compreensão mútua. Isso tudo criou um ambiente favorável.

## Harro Zimmermann:

*Günter Grass dentro de um fraque, uma festa da corte, e no meio disso tudo um notório republicano. O senhor permitiu-se essa e outras liberdades. De vez em quando, como foi noticiado, o senhor até violou a etiqueta.*

<sup>1</sup>Cf. entrevista concedida por Günter Grass à Harro Zimmermann, Rádio Bremen, 1999.

<sup>2</sup>Acadêmico de Alemão-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

<sup>3</sup>Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 17-22, out-dez, 2000.



**Günter Grass:**

Sem saber. O rei da Suécia, que estava sentado a minha frente, me parecia um pouco perdido nos seus pensamentos. Por causa disso veio-me a idéia de levantar meu copo e a ele brindar, o que, pelo jeito, não condiz com a etiqueta da corte. Mas ele ergueu o copo em agradecimento e nós brindamos sobre a larga mesa.

**Harro Zimmermann:**

*Essa alegria e divertimento não foram muito destacados nos jornais alemães. Por causa da sua premiação, o senhor teve muitos contatos com a imprensa internacional. O que realmente querem saber os jornalistas internacionais? No que diferem os interesses deles com os dos jornalistas alemães?*

**Günter Grass:**

No exterior meus livros são recebidos em primeira linha como resultado de um trabalho literário. No tocante ao meu último romance, Um campo vasto, que na Alemanha tem sido lido ou parcialmente lido superficialmente, apenas com parecer político e com preconceito, confirmou-se que na França, na Espanha, na Escandinávia e na Inglaterra as reações são, antes de tudo, literárias. Na França, por exemplo, houve algumas resenhas que constatarem com surpresa que, ao lado da intenção literária e da concepção do romance, um autor alemão aproxima os franceses do problema dos Huguenotes, esquecido por muito tempo. O livro termina nas Cevênias, no lugar onde os Huguenotes se refugiavam. A perseguição aos Huguenotes é um tema presente na obra, que também destaca como muitas pessoas na França, e até na literatura, reprimiam o fato de que essa permanente expulsão e perseguição aos Huguenotes tivesse sido uma enorme sangria para a França. Não é uma situação esquisita apenas para os franceses, o fato de que, a ascensão prussiana como grande potência não tivesse sido possível sem os Huguenotes pois, todos eram trabalhadores qualificados e comerciantes que vinham de Lyon e de vários outros lugares. Nos primeiros anos eles eram privilegiados com a redução de impostos. Logo criaram raízes e fizeram florescer economicamente a Prússia, ainda dizimada com a Guerra dos Trinta Anos. Naturalmente interessou também aos jornalistas e aos críticos franceses a constelação narrativa de um romance como Um campo vasto. Por exemplo, o fato de que existem certas semelhanças entre o meu romance e a literatura de Flaubert. Essas referências literárias foram muito bem destacadas, tanto que na França, a reação à decisão do comitê Nobel foi totalmente diferente do que na Alemanha. Um grande periódico francês de literatura dedicou-me uma edição com matérias bem elaboradas e bem aprofundadas. Algo que,

infelizmente, nós não temos mais na Alemanha. Nós temos apenas artigos jornalísticos de vida curta e de grande indefinição, e esse fato é notado pelos jornalistas estrangeiros com surpresa e também com estranheza. Fico um pouco constrangido, quando me perguntam, por que parte da crítica alemã é desta maneira.

**Harro Zimmermann:**

*Fato é, senhor Grass, que este prêmio lhe foi concedido por toda a sua obra e não apenas para O Tambor, como alguns críticos alemães escreveram.*

**Günter Grass:**

O secretário da academia sueca enfatizou explicitamente que teria sido uma bobagem, caso eu tivesse feito tentativas em escrever uma cópia de O Tambor. Ao contrário, eu assumi o risco de escrever, a partir da metade dos anos sessenta, paralelamente ao presente com Anestesia local e Diário de um Caracol, então voltei para Danzig com uma concepção épica maior, o Linguado. Isso tudo foi percebido claramente tanto em Estocolmo quanto em outros países estrangeiros. E também minha atividade política, como cidadão, é melhor compreendida nos países onde o citoyen é um conceito estabelecido e faz parte da democracia.

**Harro Zimmermann:**

*Como foram as reações públicas ao prêmio Nobel por parte dos políticos? Quem se contactou ao senhor?*

**Günter Grass:**

Veio uma fileira de telegramas de saudações. Percebe-se que alguns foram redigidos por seus secretários particulares. Mas outros, como os de Johannes Rau ou de Wolfgang Thierse, eram desejos de congratulações de leitores. A propósito, no que diz respeito ao CDU, se eu me lembro ao certo, somente Kurt Biedenkopf expressou de uma maneira muito agradável seus votos de felicidade.

**Harro Zimmermann:**

*O senhor nunca desejou tornar-se um "clássico", ou cair na esterilidade do classicismo. Agora o senhor recebeu o mais alto e mais célebre prêmio que um escritor mundial pode receber. Existe, agora, o perigo de que Günter Grass suba ao pedestal dos clássicos?*

**Günter Grass:**

Eu não acredito que um prêmio possa ter todo esse poder. Também me parece ser um conceito artificial no que diz respeito a nossos assim chamados clássicos. Certamente há autores no século vinte que conceberam sua obra na direção de uma certa homogeneidade, como Thomas Mann e de uma certa maneira Brecht, apesar da inimizade entre eles. Mas Alfred Döblin, que me influenciou bastante, fez justamente o contrário. Ele recomeçou em cada obra, ele sempre correu riscos, com bons e maus resultados. Essa inspiração fez com que eu me desenvolvesse de forma diversa daquela que seria uma obra projetada como homogênea. Nesses conceitos fechados da construção literária existe um perigo muito grande do epígono para um autor jovem. Thomas Mann representa um fim de uma certa maneira narrativa enquanto Döblin, já a partir do primeiro romance, sempre executou novos métodos de prosa e narração, tanto que até hoje pode-se dar seqüência a esses pontos de partida. Não é por acaso que na literatura alemã do pós-guerra, de Koeppen passando por Arno Schmidt até Peter Rühmkorf e eu, nós tivemos de uma maneira ou outra a obra de Döblin como referência.

#### Harro Zimmermann:

*Logo que o prêmio foi concedido, Der Spiegel publicou vários artigos intitulados "Grass e a literatura alemã contemporânea". De repente se dizia que Grass inspirava uma nova geração de escritores e passava seu bastão adiante.*

#### Günter Grass:

Por trás disso há uma supervalorização de um prêmio. Existem alguns autores no exterior, como John Irving ou Salman Rushdie, que se declararam influenciados por mim, que se sentiram inspirados pela minha maneira de conceber romances. Eles adaptaram meus modos de narrar e os desenvolveram numa direção particular, sem se tornar epigonal. Há certamente um ou outro jovem autor alemão interessante, mas o que eu vi na capa da Der Spiegel era um grupo formado mais ou menos por acaso. Dificulta-se em geral o início dos jovens autores, qualificando-os como "Geração Berlimense" ou similar e os cobrindo com todo esse discurso vazio de pós-moderno, com preocupações de imagem antes de ter publicado uma única palavra. Acho tudo isso uma estupidez e espero que os jovens autores possam se livrar dessa forma de controle.

#### Harro Zimmermann:

*Uma das críticas curiosas feitas ao senhor em relação à premiação com o Nobel foi que Günter Grass estaria se tornando um "autor popular", um conceito que não necessariamente significa algo negativo.*

#### Günter Grass:

Eu não teria nada contra isso, mas é uma bobagem. Mesmo com altas tiragens – nesse aspecto eu não posso me queixar – ainda é fato que somente uma minoria se dedica à literatura, por isso esse conceito não tem validade.

#### Harro Zimmermann:

*Mesmo assim eu noto que sua maneira de escrever encontra-se, hoje em dia, próxima do público, isso vale tanto para o livro Unkenrufe, de uma maneira mais complexa, para Um campo vasto e especialmente para Meu século. Sua literatura quer se aproximar das pessoas, dos seus contemporâneos e pretende estimular suas consciências, emoções e linguagens. O senhor usa sempre monólogos e diálogos e utiliza formas variadas para endereçar ao leitor. No livro Meu século o senhor retoma tradições como seletas de prosas e poesias e folhinhas de calendário.*

#### Günter Grass:

O endereçamento direto ou indireto do leitor existe desde O Tambor e diferencia-se de livro para livro. Certamente um livro como Unkenrufe é mais acessível ao leitor do que um livro como Um campo vasto, que foi concebido pelo autor conscientemente como um desafio. O leitor que se ocupa com essa obra é forçado a se confrontar com os acontecimentos da época, neste caso o primeiro processo da unificação alemã no final do século 19, com as semelhanças e divergências, as repetições e diferenças em relação à unificação de 1991. E não apenas referente ao aspecto histórico, mas também ao aspecto literário, por exemplo através da duplicação da biografia de Fontane. Naturalmente há um certo desafio nisso para o público leitor, exigindo atenção e curiosidade para se mover dentro desse vasto campo em direção a um campo desconhecido. Em contrapartida, meu último livro Meu século retoma conscientemente a forma de folhinhas de calendário, bem conservada na Alemanha desde a Literatura Barroca, uma forma naturalmente muito mais acessível do que a de Um campo vasto.

#### Harro Zimmermann:

*No seu discurso de agradecimento pelo Prêmio Nobel o senhor fez um tipo de caminhada pela história da poesia começando pela narrativa oral que seria também a leitura do futuro. Há pouco o senhor falou, na Espanha, do caráter subversivo dos livros. Em que consiste o específico dos livros, onde se encontra o poder de sobrevivência da literatura?*

#### Günter Grass:

Acredito que ela parte de uma necessidade humana básica, a necessidade de contar como era e passar isso adiante. Isso é a origem oral: histórias em formação que muitas vezes sofreram modificações radicais, e depois voltaram a sua origem. Mais tarde surgiu a escrita e tudo a ser conservado foi colocado no papel, em mosteiros, pelas poucas pessoas que dominavam o seu conhecimento. Adiante surgiu a grande revolução chamada Gutemberg, a multiplicação dos livros, até a produção em massa. Nesse processo, a literatura correu o perigo de se tornar papel morto, quer dizer, esquecer sua origem oral. Para mim sempre foi importante e necessário colocar frases no papel que também continuam válidas quando pronunciadas. Por isso, eu resmungo durante meu trabalho, eu mastigo as frases, até que elas obtenham uma consistência tanto no modo falado, quanto no lido.

## O que perdura vira Nobel<sup>1</sup>

J. Busche

Tradução de Leandro Zanetti Lara<sup>2</sup>

Supervisão de Michael Korfmann<sup>3</sup>

Deu-se a decisão em Estocolmo. Günter Grass é o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura deste ano. Tal qual Heinrich Böll, recebe o prêmio tanto pela sua atividade literária quanto pela política, que é também um reflexo crítico da história da República Federal Alemã.

O Prêmio Nobel de Literatura para Günter Grass parece fazer voltar o tempo, quando se tem em vista tanto o conjunto da obra como a biografia política do autor. A decisão do júri de Estocolmo pode também ser entendida como um elemento da nova normalidade alemã, ferozmente recusada por Grass em outras ocasiões. O Nobel é um prêmio internacional, que assinala o que é conhecido em todo o mundo ou, conforme a convicção dos jurados, o que deveria ou poderia ser.

O Prêmio Nobel foi fundado no início deste século, que não foi de grandes sucessos mundiais na área de literatura para a Alemanha, menos ainda com relação a romances de reconhecimento internacional. O primeiro alemão a receber o prêmio nem foi um autor literário, mas um historiador: Theodor Mommsen, que o recebeu pela prosa magistral com que tinha escrito a sua *História Romana*, cinquenta anos antes.

Thomas Mann obteve a consagração sueca especificamente pelo romance *Buddenbrooks*, 25 anos antes e, assim, teve tempo suficiente para encontrar seu público na Europa. E agora, ao homenagear-se Günter Grass, já faz quarenta anos que ele se destacou com um dos poucos sucessos mundiais registrados na história nada brilhante do romance alemão. Kafka não viveu o bastante para ver o reconhecimento tardio de seus romances.

A parte banal da história é que, desde há muito tempo, Grass, como autor de *O Tambor*, vinha fazendo parte do grupo dos "sempre candidatos" ao Prêmio Nobel. A outra parte, a atual, é, de longe, mais relevante. Grass, que se recusa, como nenhum outro escritor famoso de sua geração, a admitir a nova normalidade na Alemanha reunificada, também poderia ter ganho o prêmio pelo seu desempenho como autor e cidadão, isto é, pela determinação com que manteve, durante décadas, as suas convicções políticas, e a influência que ele concedeu a

<sup>1</sup>Cf. J.BUSCHE, TAZ, 1. de outubro de 1999.

<sup>2</sup>Acadêmico de Alemão-Português do Instituto de Letras - UFRGS.

<sup>3</sup>Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS.

estas em seus livros. No que diz respeito à homenagem, o caso de Heinrich Böll serve como exemplo. Para muitos leitores, Böll não ficou na memória como autor de uma prosa brilhante, mas como um lutador incansável por uma literatura engajada, que fazia pensar e visava a uma cultura democrática na República Federal Alemã em formação. O mesmo se poderia dizer de Grass. A partir dos anos sessenta, no mais tardar, pode-se contar a história do escritor Günter Grass também com base em seu engajamento político: as intervenções nas campanhas eleitorais a favor do SPD, a doação de livros e formação de pequenas bibliotecas em quartéis, a sua recusa a bajular dirigentes comunistas da antiga RDA, a saída do SPD, quando este selou o acordo sobre o asilo político com o CDU e o retorno ao partido mais tarde.

Tudo isso, entretanto, não é apenas a história do escritor Günter Grass, mas também a história da antiga República Federal Alemã – e Grass quer se manter fiel a esta história também na nova República Alemã Reunificada. Ele pertencia aos que viam ceticamente a Reunificação, porque, do seu ponto de vista, a Alemanha reunificada era a consequência equivocada da história alemã do século XX. Ele foi um dos críticos mais ferozes da postura de vitória que se observava no lado ocidental depois da Reunificação. Grass mantém a sua desconfiança em relação à situação alemã e vê esta mesma desconfiança confirmada a cada passo que conduz à normalidade política há muito anunciada. Isto diferencia Grass, apenas para citar alguns nomes, de Martin Walser e de Hans Magnus Enzensberger, que está por completar setenta anos. Isto o aproxima a Heinrich Böll. Nesse aspecto, o prêmio Nobel segue uma lógica.

Mas Grass não é unicamente o autor de *O Tambor*. Ele começou como escultor, destacou-se cedo como poeta. Eram os anos 50, quando formou-se o contexto para seus primeiros escritos, e isto não significava somente um clima político de reação e restauração. O “Teatro do Absurdo” dominava a cena teatral européia daquela época, e um movimento forte na poesia procurava fugir de Benn e Brecht em direção a uma poesia concreta experimental, com forte influência dadaísta. Naquela época Grass teve sucesso com os inesquecíveis versos:

*Quem aqui ri, riu  
Aqui não tem nada para rir  
Quem aqui ri, se faz suspeito  
De rir com razões*

Ele também escreveu peças curtas para palcos de vanguarda. Quando Grass, em 1955, participou de um encontro do Grupo 47, foi descrito por Hans Werner Richter, o mentor deste círculo, como de “aparência aventureira, um pouco desleixado, me parecia um cigano pedindo esmola”. Três anos mais tarde, Grass leu, para este mesmo círculo, um capítulo do seu *O Tambor*. Com isso começou o caminho para a fama mundial não só de Grass mas também de seu herói anão, o tocador de tambor Oskar Matzerath, que passa a fazer parte do seletor grupo de

inesquecíveis mitos modernos, tais como o capitão Ahab de Melville, o Lord Jim de Conrad ou a Velha Dama de Dürrenmatt ou, quase da mesma época de Oskar, a Lolita de Nabokov.

Dá por diante, o percurso de Grass foi problemático. Ele prosseguiu em duas direções. De um lado, ele começou a explorar as lembranças de sua cidade natal, Danzig. O resultado disso para a Literatura Alemã foi a novela *Gato e Rato*. De outro lado, ele descobriu as suas obrigações políticas, como mostrar “o caminho certo” aos seus leitores. Exemplo disso é o fato de que ele tomava como errada a popularidade que a filosofia de Martin Heidegger tinha junto a muitos dos alemães cultos no fim dos anos cinquenta: seu segundo romance, *Anos de Cão*, continha uma paródia fulminante da linguagem de Heidegger. Ler o Grass desta fase ainda podia ser considerado divertido, mas logo seus livros passaram a apresentar uma didática penetrante. Porém a força de sua linguagem literária, que é realmente única, ainda assim mostrava-se capaz de fascinar os leitores.

Foi infeliz a sua tentativa de mudar do Teatro do Absurdo para o drama de idéias políticas. A peça *Os plebeus ensaiam a revolta*, que trazia à cena um Brecht que ensaiava durante a revolta popular de 1953, redundou em fiasco. Na estréia, um dos espectadores gritou: “Meu Deus, isso é horrível!”

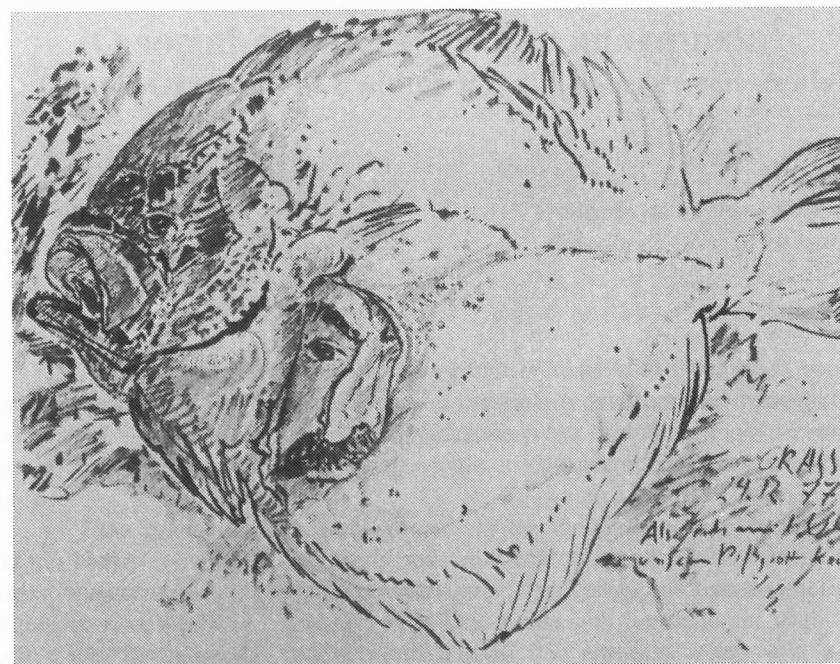
Contudo o sucesso de *O Tambor* mantinha-se, e Grass sentiu a obrigação de se provar como grande escritor escrevendo sobre temas os mais grandiosos possíveis. *O Linguado* e *A Ratazana* são interpretações do mundo e do tempo que se apresentam de forma imponente, mas não convencem, talvez porque a época deste tipo de interpretações já tenha passado. O romance *Um campo vasto*, com Theodor Fontane como personagem principal, tem como pano-de-fundo o papel da “Treuhand” (instituição do governo da RFA que tinha o objetivo de privatizar as estatais da RDA) na análise das consequências da reunificação e, é uma interpretação da história alemã que objetiva uma visão totalizante. Muitas vezes a crítica não conseguiu deixar claro se o furor da rejeição era dirigido ao escritor, ou ao político Grass.

Talvez a raiva a Günter Grass decorra do fato de que ele, como escritor, era extremamente capaz, mas privava isso de seus leitores mais ávidos. Do que ele era capaz, ele mostrou em *O Encontro em Telgte*, um incrível trabalho artístico de complexa estrutura literária. Por que alguém com tanta capacidade, alguns se perguntaram, pôde ter a pretensão de ir a Calcutá para, supostamente, reavivar a sua fama, já um tanto apagada? Por que alguém como ele precisava ter escrito um livro como *Maus Presságios*?

Talvez por ser justamente capaz e por não precisar provar isso a todo momento. O Prêmio Nobel alcança Grass no momento em que ele capturou seu século em histórias. O célebre escritor nos presenteia com um livro-álbum ilustrado por ele mesmo. A história que não pôde fazer parte deste livro é a do Prêmio Nobel, recebido pelo autor que, ultimamente, foi muito ridicularizado, e que se



tornou uma figura solitária na Alemanha. É lamentável, pois essa história é a mais bela de todas.



Als ich mit Ute unsern Pißpott kaufte - Desenho em Tusche de Günter Grass - 1977  
Günter Grass- Auf einen anderen Blatt - Zeichnungen. Steidl, Göttingen, 1999, p. 65

# O social-democrata como anarquista<sup>1</sup>

## Günter Grass recebe o último Prêmio Nobel do seu século

H.Boettiger

Tradução de Michael Korfmann<sup>2</sup>

Revisão de Gina Brusamarello<sup>3</sup>

Não se pode dizer que ele não contasse mais com isso. Mas, pouco a pouco, o tempo ía se acabando. É possível imaginá-lo ontem em sua residência em Behlendorf, por volta das treze horas, fumando o seu cachimbo, mais nervoso do que de costume. Pois este era o seu século e este oferecia apenas uma última chance.

Essa grande homenagem só poderia ter vindo de fora e o comitê do Prêmio Nobel encontrou o momento mais estratégico para isso. Há muitos anos, Grass vinha sendo visto não tanto como escritor, mas como protótipo do intelectual engajado, uma instância social. Foi o próprio Grass que procurou ser visto desta forma, não havia questão política para a qual não erguesse a sua voz, e esse posicionamento sempre marcava a discussão sobre os seus textos literários. O crescente desprezo às suas publicações por parte da crítica era previsível, mas gerou uma estranha relação dialética com o sucesso de vendas.

Com seu excessivo romance *Um campo vasto*, Grass tentou em 1995 mais uma vez uma grande cartada, juntou uma mega fantasia literária com sugestivos acontecimentos da política atual, posicionou-se contra a euforia pela Reunificação do Chanceler Kohl e pôs-se moralmente a favor dos habitantes da RDA – na mídia, quase não se encontrava uma opinião favorável a este livro, mas o número de leitores crescia. Na época do lançamento do seu último livro, em 1999, a coletânea em prosa *Meu século*, o seu auge parecia já ultrapassado: a crítica ficou cansada e condescendente, contentou-se com uma ironia suave em vez de comentários ácidos; o assunto parecia esgotado.

A dupla face do autor Grass ganhou contornos no decorrer dos anos 60: seu engajamento no partido que ele, de forma experimental e lúdica, mais do que o partido poderia ter permitido, chamou de *EsPeDe*, começou com a campanha de Willy Brandt para as eleições de 1965, ficando lado a lado com a fama incomparável conquistada com sua *Trilogia de Danzig*. *O Tambor* (1959), *Gato e Rato* (1961) e *Anos de Cão* (1963) representam certamente um dos pontos altos da

<sup>1</sup>Cf. Frankfurter Rundschau, 6 de outubro de 1999.

<sup>2</sup>Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>3</sup> Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

literatura alemã. A maneira como *O Tambor* quebrava o clima sufocante e repressivo dos tempos de Adenauer, o modo como varreu a literatura meticulosa e intimista dos anos 50 de um só golpe, era realmente um acontecimento único.

Grass trouxe um tom prazeroso, anárquico, para a literatura contemporânea, algo transbordante, leve, revolucionário: elementos anticléricos e “obscenos”, excessos plebéicos e contra as autoridades, a insistência na teimosia individual. O tocador de tambor Oskar Matzerath, que parou seu crescimento aos três anos de idade, não somente eliminou o sistema referencial da República Alemã através de suas implicações pessoais e regionais, como também a estética desse romance estava muito à frente do seu tempo.

A literatura alemã do final dos anos cinquenta não estava preparada para alguém como Grass, filho de um pequeno comerciante, nascido em 16 de outubro de 1926 em Danzig-Langfuhr, que ficou imortal através da sua obra. Sua juventude boêmia parece outra hoje em dia: aprendiz de lapidário sem recursos, artista plástico em Duesseldorf e eventual trombonista num conjunto de jazz ele, já no início dos anos 50, viajava de carona pela Europa. O clima dos três anos que Grass passou em Paris entre 1956 e 1959, ele ressuscitava freqüentemente: o apartamento de subsolo úmido perto do Placê d'Italie, o manuscrito do *Tambor*, que rapidamente aumentou entre a troca de fraldas dos bebês e de uma ou outra garrafa de aguardente com, por exemplo, Paul Celan.

Mas foi o Grupo 47, apesar de inicialmente pouco reconhecido, que preparou o terreno para o *Tambor*, e o nome de Grass ficou inseparavelmente associado a esta instituição. No momento que Grass, em 1958, leu trechos do seu manuscrito num encontro deste grupo, em Großholzleute, esta reunião de autores obteve a pole-position na área literária da República Alemã e alcançou a liderança na formação de opiniões. A entrada em cena extraordinária do autor Grass fez com que o Grupo 47, até então ainda deixado de lado pelos meios dominantes, se tornasse o fator literário determinante.

As discussões do grupo 47 sobre questões de técnicas literárias e a crítica solidária, mas impiedosa, é o modelo que caracterizou Grass e que ele defende até hoje. Com o honorário do seu último livro de sucesso, *O Linguado* (1977), Grass instituiu o Prêmio Alfred Döblin, que acentua antes de tudo conversas construtivas entre os autores concorrentes, algo que depois do Grupo 47, dentro de um contexto diferente, parece ser obsoleto. Mas Grass participa destes encontros até hoje e sua presença garante a sobrevivência desta ficção.

O Grupo 47 também marcou Grass através da sua combinação típica de discussão literária e discussão político-social. A luta contra o rearmamento, a busca programática de uma política alternativa, de um novo governo no início dos anos 60, rapidamente viram Grass como protagonista e o fato de um filho de Willy Brandt fazer um papel no filme *Gato e Rato* parecia confirmar a aliança entre estética e política.

A dupla face de Grass, de um lado a linguagem excessiva e prazerosa da sua prosa, indicando um temperamento anárquico, e do outro lado o engajamento

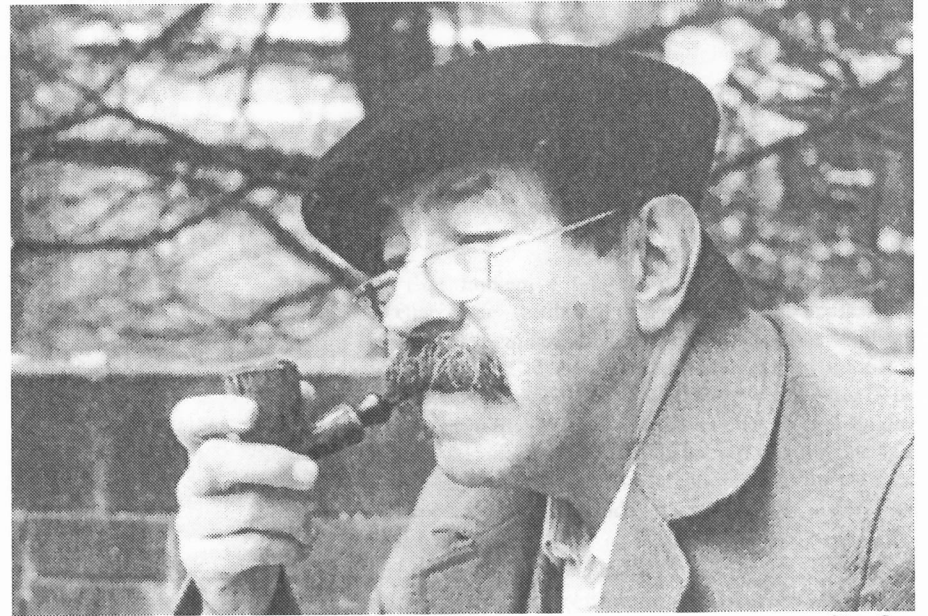
em uma social-democracia moderada, causou uma certa irritação já desde o início de sua carreira. O próprio Grass não cansa de repetir que a base para seu engajamento político se encontra na experiência do fracasso da República de Weimar, onde a democracia parlamentar foi aniquilada pelos extremos totalitários.

Uma análise cuidadosa mostra que mesmo nos textos literários iniciais de Grass, com todos os seus ornamentos barrocos e detalhes sensoriais, encontra-se um ímpeto moralista. Existe uma moral de Oskar Matzerath que pode ser chamada de corajosa, e o toque genial do *Tambor* consiste em ironizar o clássico romance de formação alemão e ao mesmo tempo continuar esta tradição. A constelação de personagens e ações parece ser, à primeira vista, anárquica, embora inspirada por uma convicção extremamente democrática.

Apesar de ter publicado uma lista extensa de trabalhos no decorrer dos anos, Grass sempre foi lembrado como autor da trilogia de Danzig. No final dos anos setenta, quando a “nostalgia” estava na moda, houve uma certa renascença de Grass com seu romance *O Linguado*, e o conto *Encontro em Telgte* de 1979, esse provavelmente seu texto mais belo, que homenageou Hans Werner Richter e o Grupo 47 no encontro fictício de autores barrocos na cidade de Telgte.

Houve fases diferentes no desenvolvimento político de Grass: depois de ter participado com entusiasmo de uma campanha para Willy Brandt, houve conflitos com o SPD, do qual ele saiu em 1993 alegando incompatibilidade com sua posição referente à questão de asilo para refugiados políticos. Houve a visão apocalíptica da *A Ratazana* de 1986 e a estada em Calcutá, resultando no livro *Mostrar a língua*, de 1988. O processo da Reunificação Alemã, a partir de 1989, injetou novas energias na missão política de Grass. Restou a dúvida se sua defesa do moralmente certo era admirável ou levava à conclusão de que Grass agiu cada vez mais como citação de si mesmo, como um monólito de um tempo literário político do passado. Usava cada vez mais a mídia para divulgar suas convicções políticas e sua editora aproveitou bem este espaço. Através do Grupo 47, Grass aprendeu cedo a lidar com o interesse público.

Outros países sempre mostraram uma visão mais serena em relação a Grass: a França considerou as discussões sobre *Um campo vasto*, um indicativo das dificuldades frente a uma nova identidade alemã e a Dinamarca lhe concedeu o bem conceituado prêmio Sonning. E o comitê do prêmio Nobel também enfatiza que se deve homenagear Grass como um grande escritor e defensor de uma Alemanha democrática. Isto nos causa alegria. Mostramos nossa reverência. Agora, tendo entrado para os anais do Prêmio Nobel 1999, este se tornou o *seu século*.



*Günter Grass*



# Günter Grass - escritor e cidadão engajado

*Pontos de vista, opiniões e idéias compilados e  
traduzidos por Elke Diercks<sup>1</sup> e Gina  
Brusamarello<sup>2</sup>*

“Este homem é um estorvo, um tubarão em um charco de sardinhas, uma pessoa independente e selvagem em nossa literatura domesticada e seu livro “O Tambor” é um osso duro de roer, assim como “Berlin Alexanderplatz”, de Döblin, como “Baal”, de Brecht, o qual críticos e filólogos, ao menos durante uma década, terão dificuldades em engolir, até que ele se torne maduro para a canonização ou para ser exposto em um ataúde, na vitrine da história da literatura”<sup>3</sup>

## 1. Opiniões de alguns escritores na ocasião da premiação de Günter Grass com o Nobel <sup>4</sup>

### Dario Fo – escritor italiano, Prêmio Nobel de Literatura, 1997

...“Primeiro eu, depois o português José Saramago e agora o alemão Günter Grass. Os intelectuais de esquerda estão bem conceituados em Estocolmo. Parece que a esquerda assumiu o poder lá. Ele é um notável escritor, que tem lutado em muitas causas civis e culturais, conseqüente com a justiça, a liberdade e a democracia”.

### José Saramago – escritor português, Prêmio Nobel de Literatura, 1998

...“Ele interfere como escritor. Por exemplo, ao contestar o modo como foi feita a Reunificação. Isto causou-lhe duras críticas. Aqui ele demonstrou uma conduta moral que eu me admiro profundamente. Sua literatura é como um prolongamento de sua personalidade. Quando eu o encontrei no ano passado, eu pensei, somente alguém como ele poderia ter escrito esses livros. Ele é um homem complexo”.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>2</sup> Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>3</sup> Hans Magnus Enzensberger (escritor alemão), citação feita no ano de 1959

<sup>4</sup> Cf. artigo “Später Adel für das Wappentier” da revista “Der Spiegel”, Nr.40, 1999, pp.295,296,298,300,302,305 e 308.

### Andrzej Szczypiorski – escritor polonês

...“Se alguém na Alemanha merecia ganhar o Prêmio Nobel, esse alguém é Grass. Sua atividade política é uma escolha consciente. Eu não creio que esse envolvimento político influencie a sua criação literária”.

### Elfriede Jelinek – escritora austríaca

...“Para a minha geração, o Grass político não é tão importante quanto o Grass estético: a estética de “O Tambor” foi para nós, autores de cunho experimental, de tal maneira, que não se pôde ignorá-la. Contudo, eu sempre aprovei o engajamento político de Grass. Naturalmente, pode ser que se perde em inovação estética aquilo que se ganha em concretude política”.

### Wole Soyinka – escritor nigeriano, Prêmio Nobel de Literatura, 1986

...“Esta fase de final de século está caracterizada pelo renascimento universal de um cruel e sangrento ultra nacionalismo. Günter Grass nos transmite o legado de uma visão alternativa de mundo, que poderia nos ajudar, a fim de superar o poder de sedução de grupos demasiado minoritários – a favor de uma comunidade de todos os seres humanos”

### Czeslaw Milosz – escritor americano-polonês, Prêmio Nobel de Literatura, 1980

...“Este é o triunfo da literatura engajada. Pode-se escrevê-la. A literatura engajada não terminou com a literatura que defendia o realismo socialista. A obra literária de Grass é um grito de protesto contra o que aconteceu no século vinte, contra a guerra. É uma tentativa de salvar a história do esquecimento. Sua missão literária consiste em dizer a verdade ao seu próprio país”.

### Kenzaburo Oe – escritor japonês, Prêmio Nobel de Literatura, 1994

...“Através de seu engajamento político, ele atuava sempre de um modo independente. Eu creio que foi uma decisão formidável festejar dessa forma os cem anos de Prêmio Nobel”.

### Christoph Hein – escritor alemão

...“Ele sempre foi um autor e uma pessoa política. Para muitos, um aborrecimento. Ele é ousado, não se atemoriza, mas os prejudicados, os fracos, os estrangeiros, os marginalizados, devem ser gratos a Günter Grass. O mérito de Grass não está somente ligado à literatura, mas também a sua luta pela democracia e pela paz. Grass é um digno descendente de um Lessing<sup>5</sup> ou de um Voltaire”.

<sup>5</sup>Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), escritor, poeta e crítico alemão (N. da T.).  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

## 2. Günter Grass: falando como escritor<sup>6</sup>

Mesmo depois de receber o Prêmio, Günter Grass continua sendo um incômodo escritor político. Em entrevista concedida ao jornal “Morgen”, ele falou sobre a premiação e seu trabalho literário:

Questionado sobre a sua relação, hoje, com o livro “O Tambor”, Grass responde:

“Tudo começou com “O Tambor”. Mas também “O Linguado” desempenhou um grande papel, e até “Meu Século”. O motivo da escolha recaiu também sobre o que eu faço socialmente. *Eu não sou apenas um artista, eu sou também um cidadão neste país, isto é, um cidadão engajado*”.

Günter Grass é conhecido como um escritor político. Sobre esta afirmação, Grass responde: “Eu me vejo como o seguidor de uma ampla tradição, na qual se incluem Orwell ou Camus. Ao lado da lenda que eu tenho para contar, eu percebo também a sociedade. Ela encontra-se, querendo ou não, nas relações de poder, nas camadas sociais que são condicionadas política e economicamente. Isso pertence às realidades com as quais eu sou confrontado, como autor. E eu sei, naturalmente, que a literatura também faz frente à história, e o que o historiador não pode fazer, é contar a história usando a perspectiva de pessoas comuns. Nós saberíamos pouco sobre a Guerra dos Trinta Anos, se nós dependêssemos do saber da história; mas felizmente nos deram também um Grimmshausen...”<sup>7</sup>

Sobre o papel dos intelectuais no restabelecimento da necessária confiança na política, Grass responde: “Como autores nós temos somente a tarefa de colocar o dedo na ferida. O escritor não é o salvador, nem tampouco, o curador. Pensam vocês na participação da literatura alemã do pós-guerra em manter viva a memória. Ela não permitiu que o nosso presente, simplesmente, se transformasse em passado. A literatura demonstrou que é enganador, embora compreensível, reprimir o passado. Isso já é uma grande coisa. Isso nos foi transmitido por autores como Wolfgang Koeppen, Arno Schmidt ou Heinrich Böll”<sup>8</sup>.

Sobre a jovem geração de autores, Grass comenta: “O romance americano transforma-se em modelo de escrever; não o dos grandes escritores, de Faulkner até Hemingway, senão o dos escritores de segunda categoria: “Stories” sem compromisso. Isto sugere que não tratam de política, e muitos, pelo menos no lado ocidental da Alemanha, seguem isso. No lado oriental da Alemanha é diferente,

<sup>6</sup> Cf. artigo “Aufgabe der Literatur ist es, Geschichte von unten erzählen und politisch zu sein”, fragmentos extraídos da entrevista concedida ao Jornal “Morgen”, 19/Fev/2000, Caderno “Welt und Wissen”, p.3.

<sup>7</sup>Hans Jakob Christoffel von Grimmshausen (~1621-1676), escritor alemão, autor da obra “Der abenteuerliche Simplicissimus”, 1669 (N. da T.).

<sup>8</sup>Wolfgang Koeppen (1906-1996), Arno Schmidt (1914-1979) e Heinrich Böll (1917-1987, Prêmio Nobel de Literatura em 1972); escritores alemães (N. da T.).

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

eles se chamam Ingo Schulze<sup>9</sup>, também deveríamos pensar em Thomas Brussig<sup>10</sup>. Isto se deve à transformação política e econômica sofrida. A tendência de escrever menos sobre o próprio umbigo é maior no Leste do que no Oeste”.

Continuará a literatura “esclarecidamente” engajada? “A diferença é que a geração jovem não é culpada daquilo que ficou insuficientemente marcado com a palavra Auschwitz<sup>11</sup>. Mas isto evidencia que, ser inocente ou não tornar-se cúmplice, não significa, contudo, que não se tivesse responsabilidade – aquela coisa que foi Auschwitz não pode se repetir, nem por um tênue incício.

Estas mesmas idéias expressas acima por Günter Grass aparecem também na obra “Vom Abenteuer der Aufklärung”, de Günter Grass e Harro Zimmermann, 1999, pp.234 e 169: “...Eu prossigo com o meu velho modo de escrever, nunca julgando a partir do banco dos vencedores, senão, como me ensinou Grimmshausen, compreendendo a história lá embaixo (*von unten*), quer dizer, no âmbito das pessoas atingidas, das pessoas com as quais acontece a história. Essa é a perspectiva de contar o romance “Um campo vasto”. Naturalmente precisava-se ter o conhecimento de que o processo da Reunificação de 1989/90 somente poderia ter sido escrito como romance, colocando sobre ela, como uma lâmina, a primeira e abortada tentativa da Reunificação Alemã de 1870/71 – de consequências desastrosas – ou deixá-la transparecer por baixo”.

O que é a história, segundo Grass: “Nós chamamos de história algo que supomos, permaneça encaixotado. Para nós é algo que pertence ao passado. E somente posso repetir de novo: observamos com horror, como a história morta volta a ser virulenta, como ela permeia nosso presente. Para mim ela faz parte da realidade: ela não está encaixotada, ela está viva e deve ser animada, especialmente pela força de contar, pela riqueza imaginária épica, pela audácia de resgatar o inanimado dos mausoléus, de saquear os cadáveres. Isso é a imensurável possibilidade da literatura e, especialmente, do contar, se o contar não significar somente entreter”.

### 3. Günter Grass: a educação e a escola

#### A Escola Única<sup>12</sup>

...Sim, eu sou a favor da Gesamtschule (Escola Única). Desde os anos sessenta eu me pronuncio a seu favor. Dela se esperava a abertura do rígido saber especializado, ao mesmo tempo que a supressão das notas. Desde então, seguindo a teoria, algumas coisas fracassaram, por outro lado, deram bons resultados por caminhos tortuosos. Entretanto, eu reconheci que hoje, em meio à nova “era glacial social”, somente a Escola Única seria capaz, não de

impedir, mas sim de atenuar as piores consequências das diferenças entre classes sociais que estão surgindo

...Meu axioma de defesa para o modelo da Escola Única é o fortalecimento do incentivo justo e social da igualdade de chances no sistema de educação. Nos tempos de hoje, esta função e possibilidade da Escola Única é estendida, porque sua estrutura é baseada na solidariedade que abre, a um sem-número de alunos de origem estrangeira, os múltiplos caminhos da educação: ninguém, que aprendendo, “não está acompanhando”, cai em um poço sem fundo, ninguém se torna um excluído.

#### Uma disciplina escolar: o ócio<sup>13</sup>

...Sei que os expertos educacionais, que somente pensam nos rendimentos escolares, irão torcer o nariz. Eu gostaria de criar uma disciplina escolar chamada de “ócio”. Como se aprende o ócio? Como se ensina um jovem a lidar em silêncio com um livro? Contra o usual - o que conheço de meus filhos e, agora, de meus netos - eles entram em uma sala, apertam alguns botões produzindo barulho - tentei dar conselhos e usar palavras. É difícil para eles, ficar sozinhos, liberar-se da inundação da mídia e sua infinita oferta. Mas o fato de se recolher, de estar sozinho com um livro, estar consigo mesmo, deve ser novamente aprendido, porque é a condição para a continuidade, já que todos sofremos de distração...Se hoje dispomos de tanto tempo livre, o qual nenhuma geração antes de nós usufruiu, precisamos fazer a pergunta: O que estamos fazendo com este tempo? Isso é o que falta no Currículo Pedagógico.

#### A Leitura<sup>13</sup>

...A necessidade de ler é algo muito comum e elementar. Se eu tivesse que procurar diferenças entre o homem e o animal, penso em primeiro lugar na atitude de ler, de estar imerso em um livro. A imagem de “O Noviço”, do escultor Barlach<sup>14</sup>, simboliza maravilhosamente essa atitude e se deveria usá-la para fazer propaganda e ressuscitar a cultura enterrada de ler. O humano que é incapturável, está relacionado desde já com o ato de perder-se em um livro: descobrir algo em um livro, descobrir a si mesmo, perder-se em um mato, comunicar-se com pessoas fictícias, viver a vida delas, sentir-se dentro de outras roupas, vivenciar aventuras, sem deixar o lugar. Em tudo isso existe tanto atrativo. Além de tudo existe o ensinamento, mas não quero colocá-lo em primeiro lugar, porque destrói muito, se é feita sempre a pergunta do Famulus do “Fausto”: O que posso levar para mim, que lucro resulta de tudo isso? Essa pergunta, mais fecha o acesso ao livro, ao invés de abri-lo....O leitor deve ser estimulado pela fantasia que ele encontra no livro para liberar a sua própria fantasia. Quando, na vida real, ele quiser viver a sua

<sup>9</sup>Ingo Schulze (1962), escritor alemão da ex-RDA (N. da T.).

<sup>10</sup>Thomas Brussig (1965), escritor alemão da ex-RDA (N. da T.).

<sup>11</sup>Campo de concentração nazista na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial (N. da T.).

<sup>12</sup>GRASS, Günter. Für – und Widerworte. 2ª edição, Göttingen, Steidl Verlag, 1999, pp. 8,10.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

<sup>13</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro. Vom Abenteuer der Aufklärung. Göttingen, Steidl Verlag, 1999, pp.143,144 e 172.

<sup>14</sup> Ernst Barlach (1870-1938), escultor, gravador e poeta alemão (N. da T.).

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

fantasia, ele deve temer em se tornar um palhaço. Mas no livro é permitido. É um imenso espaço aberto.

#### A tarefa da escola<sup>15</sup>

...Assim a escola, se não quiser deixar os alunos sozinhos em sua impotência, deve ensinar a política da resistência. Essa é tão ensinável quanto o manejo do instrumento da dúvida: questionar afirmações. Liberar os discursos solenes do seu palavreado, desnudar o imperador<sup>16</sup>. Duvidar sempre. – E onde está o lado positivo? Aqui está ele: a democracia, levada ao pé da letra. Se ela renuncia a seus legítimos direitos de poder, se ela se curva ao poder do dinheiro global circulante, às exigências irracionais das fusões das grandes empresas, ao poder de mercado – e ela está fazendo isso – então a democracia chega ao fim, o povo fica sob tutela e o indivíduo não será capaz de duvidar do que ele vê, nem tampouco de si mesmo. O que existiria ainda para ensinar? Novamente a escola estaria terminada.

#### O professor<sup>15</sup>

...Pois minha contribuição à Escola Única, se assim se pode dizer, pressupõe o professor aprendiz. Eu sei, ele existe. Frequentemente a necessidade o obriga a não permanecer com os velhos conhecimentos, senão a aprender permanentemente, por exemplo, em vista de seus alunos de diferentes nacionalidades, algumas lições de história turca ou o que o Alcorão, em comparação com outras religiões, tem a oferecer em intolerância e tolerância. O professor aprendiz é alguém que aprende com os seus alunos. A curiosidade é própria dele. É com prazer que ele abandona princípios, a fim de trocar por outros, que ele novamente abandona, antes que eles se solidifiquem. Sempre aprendendo até avançada idade aquilo que surge de novo, de forma ameaçadora ou atrativa, mas também o que está por detrás disso ou, com o correr do tempo, se perdeu...

#### A escola e a informática<sup>15</sup>

...Nós devemos nos decidir, com o que inicia toda a Pedagogia. Nós queremos uma Homepage-Pública, na qual qualquer um dirige-se a qualquer um e onde todos se acostumam a não medir as conseqüências, a não se tornar responsável por aquilo que colocam no mundo virtual? Nós queremos a contínua aceleração, a contínua virtualização, o preço do imediatismo, *multa* em vez de *multum*? Nós queremos uma rede digital com sempre mais desconhecidos, no lugar de ligações e comprometimento uns com os outros, com os quais nós nos importamos e eles conosco? Nós queremos... o declínio da atenção em grandes barulhos e o contínuo deslumbramento? Nós queremos o apagamento do “brilho”, o recalçamento da vivência da realidade através da “virtualidade”, do valioso e

<sup>15</sup> GRASS, Günter. op cit., pp.16,24,25 e 28.

<sup>16</sup> Aqui o autor faz uso de uma expressão idiomática: “Den Kaiser nackt nennen” (N. da T.).  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n° 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

permanente através do disponível e fácil...Não são os novos meios de comunicação acusados com essas retóricas e irônicas perguntas, mas sim a nossa falta de vontade, a nossa arrogância de aprendiz de feiticeiro, o nosso oportunismo e nossa incapacidade de educar, nele baseada.

#### 4. Günter Grass: a política e a sociedade alemã

...Quem coloca as mãos atrás das orelhas, escuta como as ideologias triunfantes do capitalismo sussurram no vazio sua absoluta e, doravante, estabelecida implementação da globalização. Eles têm fome de um eco. Falta o inimigo, uma barulhenta oposição. Como se poderia dividir o mundo entre o bem e o mal, se o mal, porque foi vencido, não mais toma parte do jogo, desapareceu ou, ao menos por enquanto, não está mais no mundo. Certamente existe o islamismo, o crime organizado, seitas absurdas; mas quer-se fazer negócios com os muçulmanos, é útil manter-se ligado à máfia para a lavagem de dinheiro e, quanto àquela seita especialmente perigosa, estamos sintonizados frequentemente e suficientemente com ela. O que faz então um vencedor, quando o seu velho e conhecido inimigo que, durante quase um século, foi suficientemente forte e perigoso para empreender contra ele guerras quentes e frias, agora brilha somente através da ausência, como que varrido do cenário, não mais capaz de empreender qualquer ameaça<sup>17</sup>.

...E já desperta o escritor em mim. O ainda vitorioso capitalismo de ontem apresenta-se a mim como uma pessoa abandonada pelo destino, como um indivíduo: um senhor de meia idade, corretamente vestido, embora a roupa não lhe caia bem. Assim ele está de pé, não, ele está colado em um banquinho, solitário, o isolado capitalista. Na verdade ele é ainda sempre temido e também odiado, mas ninguém o quer contradizer. Não importa o que ele diga, por mais absurdo que seja, é sacrossanto, como por exemplo, sua fórmula padrão: “o mercado regula tudo”. Contra a sua vontade, assim como o Papa, ele adquiriu a reputação de ser infalível. Um pobre sujeito, digo a mim mesmo, sem pena, e começo a tirar disso algo literário. Para a figura de um romance ele não serve. Falta-lhe totalmente o contraditório ambiente; ele é inequívoco demais. Porém, eu poderia imaginá-lo no palco, em um monólogo, sem ação, ao estilo de Beckett. Esta peça de pouca duração poderia chamar-se: “o isolado capitalista”...*Às vezes sentado em um banquinho, às vezes caminhando de um lado para o outro. Um telefone celular o conecta com o mundo. Ele compra globalmente, ele vende, ele assume a maioria, ele faz fusões. Suas ações sobem. E tanto mais nós o ouvimos lamentar-se. Por fim, ele não fala nada de novo. O velho disco: os encargos sociais sobre o salário são altos demais, a obstrução a qualquer modernização se dá por causa da proteção contra a demissão, a burocracia estatal é hostil aos investimentos, lastimável violação das leis da natureza “oferta e procura”. Por fim, ele lamenta o*

<sup>17</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.45,48 e 49.



*Standort*<sup>18</sup>. E aí, meu monólogo de Beckett é encenado em um palco alemão e segue lamentando o Standort-Alemanha. De repente, meu capitalista isolado torna-se lírico na mesma peça. Ele se vê incompreendido, porque ele enxerga mais adiante. Ele se compraz em um papel trágico. Ele festeja a solidão, contudo; ele sente saudades de um opositor<sup>17</sup>.

...A defesa de um socialismo democrático não significa para mim uma tese ideológica, senão que, trata-se de manter aberto um terceiro caminho, que eu sempre vi e continuo vendo. Vimos como o rígido mundo comunista implodiu, incapaz de renovar-se, presenciamos agora como o capitalismo, sem um adversário, está destruindo-se a si mesmo. Na hora da vitória sobre o comunismo não lhe ocorreu nada melhor do que retomar os gastos e desumanos métodos do séc.XIX, de maneira que nos encontramos hoje diante de uma tarefa absurda, ou seja, de impedir, com a ajuda do socialismo democrático, a autodestruição do capitalismo. Pois, com a autodestruição do capitalismo – vejam o caso da Ásia – milhões de pessoas são levadas à miséria, sem o pestanejar de nenhum desses senhores. O responsável é o mercado, que no fundo já não existe mais...Nós temos hoje uma sociedade na qual uma parte da população pode se permitir financeiramente tudo, vivendo no nível técnico do séc.XXI. E temos uma parte da população, não muito pequena, que vive segundo os padrões do séc.XIX. Existe uma imensa riqueza que será herdada, o que levará a uma modificação da sociedade, já que as pessoas que herdarão essa riqueza não precisarão mais trabalhar. E temos uma classe social cada vez maior que, sem trabalho e sem um teto seguro, encontra-se em um estado de miséria, ou está sendo empurrada nessa direção. Essa insegurança atinge também a classe média. Contra essa situação não está sendo feito nada, embora se poderia fazer muito para equilibrar as injustiças. Se poderia, por exemplo, aumentar os impostos sobre as heranças, para - de um lado limitar a classe dos futuros herdeiros e zangões - e por outro lado aplicar esse dinheiro para tarefas tanto no âmbito cultural quanto no social. Tais medidas não são implementadas, o que nos leva a mais estagnação...Esta realidade me diz que uma sociedade somente pode funcionar se as pessoas agem de forma solidária. Também é uma palavra antiquada, tirada do fundo do baú. Vejo hoje uma sociedade... que propaga o neoliberalismo. Feito roupas velhas do séc.XIX, o liberalismo de Manchester é habilidosamente retocado e modernizado, indicando a autoliberação, a auto-representação e auto-realização, o “novo individualismo”, todas elas teses reaquecidas dos anos 68. O resultado é um grupo de pessoas de maiores rendimentos, e um sem-número crescente de pessoas que são marginalizadas. Antiquado como sou, me permito apontar isso, e essa é minha opinião<sup>19</sup>.

...Era um grupo de frustrados,... que me ajudou a enumerar alguns pontos referentes ao meu conceito da democracia social, mais ou menos frouxo, relapso, sempre suficiente para fundamentar minhas atividades políticas, a fim de esclarecer

<sup>18</sup> A melhor localização para a instalação de uma empresa (N. da T.).

<sup>19</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro, op. cit., pp. 91,146,184 e 225. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

o que realmente significa a democracia social. Em nenhum caso é uma ideologia, por favor, nenhuma fixação, nenhum dogma, mas...o esforço incansável de harmonizar direitos sociais e direitos liberais que, desde o começo, estavam ameaçados em ser separados. Ao alcançar um máximo de direitos liberais é muito possível uma escravidão da massa trabalhadora. Por isso a democracia social falou para os comunistas: para que servem os direitos sociais que vocês conseguem através da ditadura, se o homem não consegue respirar e lhe são negados os direitos humanos, e vice-versa, para que servem os direitos humanos, se somente uma classe alta pode usufruir de uma censura inexistente, mas nas classes baixas isso não funciona? O colono polonês não se preocupa nem um pouco com o fato de que, em seu país, não existe mais a censura, o que o preocupa é que ele não tem dinheiro para semear. Ele pertence novamente, como nos séculos passados, à classe não privilegiada e é esquecido e deixado para trás pela história e pelo progresso.<sup>19</sup>

Volker Neuhaus<sup>20</sup>, falando sobre Günter Grass, diz: “Em ambos (o capitalismo monopolista e o comunismo de estado) ele vê, igualmente, ideologias que devem ser combatidas e julga que “a política dos dois poderes mundiais é infantil, com suas respectivas promessas de salvação e infantil em seu uso do poder. A ocupação do Afeganistão, a conquista da ilha de Granada,...mas também o plano de atuação malabarista do Pentágono, com “megamortos” e, próprio do Cremlin, seu temor da espionagem, são testemunhas dessa infantilidade que domina o mundo”. O conceito de Grass, entre o desprezo pelo ser humano do capitalismo monopolista e a hostilidade ao ser humano do comunismo de estado, é de “um terceiro caminho”, que ele definiu mais uma vez, em maio de 1983, ou seja, o “socialismo democrático, dirigido igualmente contra ambas as ideologias. Seus ingredientes são uma democracia mais próxima da base quanto possível, que permite uma ampla participação de todos os cidadãos na administração da coletividade, um controle democrático amplo sobre a economia assim como a virtude “revisionista” da solidariedade: “Coloquemo-nos ativamente ao lado dos necessitados e incapacitados, dos perseguidos e oprimidos, também ao lado dos jovens, que estão sem futuro, e ao lado dos idosos, cuja vida foi esforço e trabalho, sejamos democráticos e socialistas, agindo solidariamente”.

## 5. Günter Grass: a RDA – República Democrática da Alemanha e a Reunificação<sup>21</sup>

Olhando a RDA, não posso dizer que me sinto desapontado. Desde o começo ficou muito claro para mim, que essa outra ideologia que dominou nosso século, é tão fechada em si que não permite um desenvolvimento, quer dizer, não

<sup>20</sup> NEUHAUS, Volker. Schreiben gegen die verstreichende Zeit-Zu Leben und Werk von Günter Grass. 2ª edição. München, dtv, 1998, p.185.

<sup>21</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.80,248,225,208,209,70,71,43 e 94.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

pode ser reformada. Com isso eu me encontrava em uma posição contrária a muitos de meus estimados colegas, com os quais tive muitas discussões. Apesar disso não fui seduzido a alimentar uma terceira ideologia, a do anticomunismo..... Não existia o perigo, naquele tempo, de eu ser novamente seduzido - como aconteceu na minha juventude - por uma ideologia que se apresentava como a única e verdadeira. Por isso o olhar crítico para os dois sistemas, com todas as diferenças e matizes...

Depois que o sistema ruuiu, se tentou pintar a RDA como algo extremamente perigoso, demoníaco, transformá-la em um estado sem direitos, e assim por diante, como são todos os veredictos. Por isso as pessoas se irritaram, por exemplo, com um parágrafo em “Um campo vasto”, onde Fonty<sup>22</sup>, referia-se à RDA como uma ditadura cômoda. Aqui refiro-me a uma citação de Fontane<sup>23</sup>... Naturalmente, a ditadura da RDA foi isso em relação a outras ditaduras desse século. Igualmente dentro do bloco socialista, em comparação com a da Romênia ou a da Rússia, a ditadura da RDA foi uma “kommode” Ditadura. Ditaduras do mundo ocidental - pensem na ditadura militar da Grécia, que era membro da OTAN e tolerada pelo Ocidente ou no sistema do Chile, onde um dos amigos íntimos de Pinochet se chamava Strauss<sup>24</sup> - eram piores que a da RDA, com seu regime de terror. Isso em nenhum caso diminui o fato de que a RDA foi um ditadura, com seu horroroso sistema de tutela, que incluía a polícia secreta, a *Stasi*<sup>25</sup>. Mas este tipo de diferenciação perturba obviamente nosso país, porque não se encaixa no conceito. Do meu ponto de vista não deve, naturalmente, se encaixar. Por isso a reação e super-reação a este parágrafo isolado e minhas explicações talvez um pouco longas...

Desde muito cedo se reconheceu que o favoritismo de uma reunificação alemã se frustrou em uma unificação muito rápida - com medidas que somente podiam ter como conseqüências injustiças e uma nova divisão. A disposição do Oeste em aceitar as biografias dos dezesseis milhões que viviam no Leste não era muito grande. Quem dera, no início, tivesse sido assegurada uma integração, como estava no papel, mas, quando se começou a agir, ela não foi realizada, senão uma anexação. Chegaram os senhores coloniais. Juízes ou professores universitários, quase sempre pessoas de segunda ou terceira categoria que não conseguiam achar seu lugar na Alemanha Ocidental. Eles obtiveram cargos no Leste, entretanto os intelectuais da RDA, que foram membros do partido, foram avaliados e demitidos. Uma secretaria colonial se auto nomeou e, demonstrando pouco respeito pelas pessoas, pensava que deveria realizar trabalho de administração. Se agíssemos como na Alemanha Ocidental, tudo sairia bem - assim era o lema. Mas não saiu dessa forma. Neste clima, eu inicialmente protestei com discursos, ensaios e

<sup>22</sup> Personagem principal do romance “Um campo vasto” (N. da T.).

<sup>23</sup> Theodor Fontane (1819-1898), escritor alemão (N. da T.).

<sup>24</sup> Franz Josef Strauss (1915-1988), político conservador alemão, do partido CSU (União Socialista Cristã) da Baviera (N. da T.).

<sup>25</sup> Segurança Nacional e Serviço Secreto da ex-RDA (N. da T.).  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

palavras, como é meu costume e como eu sei fazer. Mas no final eu me sentia como um papagaio, ninguém me ouvia. Então aconteceu o mais razoável. Eu fiz o que me restava fazer, escrevi primeiro o romance “Mais Presságios” e depois “Um campo vasto”...

O processo de reunificação e realizado sem unificação, como uma separação repetida, desta vez, uma divisão que desclassifica socialmente e além disso, nem o governo nem a oposição são capazes de terminar com a liquidação vergonhosa da massa falida da RDA e implementar um *Lastenausgleich*.<sup>26</sup>.. Esta medida seria justificável desde o princípio, e também mais adiante, pois, em sua condição de explorados, enclausurados, vigiados e continuamente tutelados, os cidadãos da República Democrática tiveram que pagar, durante quarenta anos, no lugar da República Federal. Eles não tiveram a sorte de poder optar pela liberdade do Oeste. Injustamente, nós não pagamos por eles, ao contrário, eles pagaram por nós o ônus da guerra que foi perdida por todos os alemães. Compreender isso deveria ter sido prioritário imediatamente após a queda do muro. Essa - e não novamente a tutela - deveria ter sido nossa atitude.

Assim se tratou e se trata as pessoas que tiveram de suportar as mais pesadas conseqüências da guerra, empreendida criminosamente e perdida por todos os alemães. Não foi concedido um *Lastenausgleich*, ao contrário, apoderou-se da RDA como se ela fosse uma terra inimiga conquistada. Compatriotas que sofreram muito durante quarenta anos de contínua ditadura, e que acreditaram, quando caiu o muro, que eles podiam preservar a sua danificada existência de outras deturpações, viram-se expostos, sob suspeita de ser colaboradores da *Stasi*<sup>27</sup>. E aquela oferta ocidental de liberdade, que era tão prometedora, reduziu-se rapidamente em palavras como “liberdade para viajar” ou “liberdade de mercado”. Que estupidez nos incitou a calcular, como um dono de botequim, o incremento de dezesseis milhões de alemães, e selar, ao injusto domínio do socialismo real, o domínio do injusto capitalismo? O que falta a nós, alemães, para agir humanamente - se já não é possível com relação aos estrangeiros - ao menos em relação a nós mesmos? O que falta a nós, alemães?

As únicas palavras positivas pronunciadas por Grass sobre a RDA são: “Sem violência se entregou a República Democrática Alemã. De todas as injustiças que se pode imputar a RDA, encontram-se poucos motivos para poder falar de alguma coisa boa que lá existia, entretanto, deve ser ressaltado sem sombra de dúvida, a última atitude do exército e da polícia do estado, plena de mérito. Graças ao exército e à polícia, e também ao governo daquela época, não foi disparado um único tiro”.

<sup>26</sup> Imposto que incidiria sobre os alemães ocidentais a fim de pagar os custos da reunificação alemã de 1990 (N. da T.).

<sup>27</sup> Segurança Nacional e Serviço Secreto da ex-RDA (N. da T.).

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

## 6. Günter Grass: a RFA – República Federal da Alemanha

Nós, alemães, somos fatalmente quebrados em múltiplos pedaços. Nós fomos treinados a viver com rupturas e separações. Para nós, sermos fragmentados constituiu-se – desde a Guerra dos Trinta Anos – em normalidade. E, olhando a partir do Reno, o leste do Elba sempre existiu. A fragmentação, a discrepância, a chamada hamletização pertence a nós, porque nós também aspiramos a uma unidade sem cessar, geralmente frustrada, ou obtida a um alto preço. Portanto, ser alemão significa ser fragmentado em todo o ser – em cada estado de consciência. Ser alemão significa, ao mesmo tempo, sofrer de uma falta de unidade, por isso nós estamos ocupados continuamente com ela; para o escárnio de nossos vizinhos, que cultivam outros vícios menos perigosos.<sup>29</sup>

Isso mostra de forma clara, o quanto os alemães são estranhos uns aos outros. Eles percebem-se uns aos outros de má vontade, na profunda estranheza entre os alemães orientais e ocidentais, os mecklenburgueses<sup>28</sup> e saxões lá, os renanos e suábios aqui, se vêem mais distantes do que nunca. Mesmo os alemães do norte e os alemães do sul, propriamente, permanecem estranhos, o que confirma o rio Meno como fronteira, uma linha divisória. Essas demarcações são o resultado de nossos persistentes incentivos ao separatismo exigido pela História, que, em geral, resistia à unidade. Talvez semelhante distanciamento seja o preço da diversidade cultural das diferentes regiões do país, que, através dos acontecimentos estatais e eventos desportivos, desejam ser chamadas de Alemanha.<sup>29</sup>

Ao contrário de outros países europeus, que possuem governos mais centralizados – penso na França, mas também na Espanha e Polónia, onde a capital é como um hidrocéfalo e as províncias são territórios adjacentes rasos – os múltiplos estados alemães produziam, como uma fruta curiosa, uma riqueza cultural, uma grande diversidade, não somente existente socialmente entre os alemães orientais e ocidentais, senão também entre a Bavária e a Baixa Saxónia. Provavelmente os bávaros se diferenciam mais dos saxões do que os saxões dos mecklenburgueses. Em todas as partes observamos as características culturais – que se desenvolveram ao longo da história – que se refletem, entre outros, na língua, nos dialetos, embora não notamos a imensa riqueza. Para nosso prejuízo, buscamos e achamos a nossa riqueza sempre em outros campos, até nas guerras, e sofremos neste século derrotas nefastas, que fizeram sofrer também a nossos vizinhos. A constituição... não legaliza em vão: os estados federais possuem autonomia cultural. Essa definição deve ser conservada, ela beneficia o federalismo... Além disso, a União Européia deve corrigir a importância exagerada do econômico, para que a cultura, no sentido europeu, seja mais fortalecida. Isso não mais pode ser

<sup>28</sup> Habitantes do estado federativo do norte da Alemanha, “Mecklenburg-Vorpommern” (N. da T.).

<sup>29</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.78 e 91.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

somente a tarefa dos estados federais<sup>30</sup>, pois trata-se de uma nação cultural, desenvolvida a partir da estrutura federal, crescendo com a riqueza desta diversidade, que deveria nos facilitar ser mais tolerantes com as diferenças entre os alemães dos novos estados federais e os alemães ocidentais. Isso não quer dizer que nós aceitemos as injustiças provocadas pela Alemanha Ocidental, elas devem ser eliminadas. Mas a Alemanha Oriental será diferente e tem o direito de sê-lo: durante quarenta anos ela teve outra biografia. Um dos maiores erros no processo de reunificação foi exigir, de uma maneira igualitária, que os dezesseis milhões se despedissem de seu passado e se adaptassem já ao modo de vida dos alemães ocidentais. Esse erro fatal contribuiu para uma nova divisão. Assim eu entendo o conceito de “Kulturnation”, criado por Herder<sup>31</sup>, levando-o adiante neste final de século, para o futuro, para uma abertura européia que, no fundo, já foi por ele desenhada<sup>32</sup>.

Ainda hoje coloca-se a questão: o que é feito do meu, do nosso país? Como se explica a decadência da República Federal, cujo compromisso social foi tomado, uma vez, como modelo? Sem chavões comunistas, voluntariamente livres para dizer, renovou-se nela aquela antiga sociedade de classes que, com a ajuda da social democracia, se acreditou ter vencido. Foi permitido a uma horda de ignorantes e destruidores danificar os pilares de nossos contratos sociais, quais sejam, os sistemas de seguridade. A contribuição do trabalhador não está protegida da manipulação estatal. E atualmente tenta-se, com outro saque, chamado de “grande reforma fiscal”, fazer com que os ricos, em tempos gelados, não necessitem passar frio. Assim arruína-se um estado, onde o compromisso entre trabalho e capital era aproximadamente justo, no qual havia uma paz social em prol de uma considerável prosperidade e união. Não, nenhuma revolução estaria na ordem do dia. Não com a bíblia de Mao, na mão levantada, mas somente com a constituição, embora, devo confessar, uma arma defeituosa, se deveria apagar o conceito *Standort*, que está nivelando tudo, e colocar a República Federal no seu estado de direito, a fim de que ela, novamente, se compreenda como um estado social, e que a propriedade se comprometa com o benefício de todos os cidadãos. Certamente nenhuma utopia, mas um belo desejo que é permitido ser sonhado. Embora a realidade não reflita esse sonho.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Com a Reunificação de 1990 foram criados cinco novos estados federais no território da ex-RDA (N. da T.).

<sup>31</sup> Johann Gottfried Herder (1744-1803), filósofo e poeta alemão (N. da T.).

<sup>32</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro, op. cit., p.140.

<sup>33</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.60 e 58.

# O Canibal - Günter Grass e as Mulheres<sup>1</sup>

Autor: Ariane Barth

Tradução de Espártaco Dutra<sup>2</sup>

Revisão de Elke Diercks<sup>3</sup>

Não, um machão ele não é. Para tanto ele é muito antiquado. Ele provém mais do passado cinzento dos patriarcas. Mulheres mais jovens podem admirá-lo como um fóssil, como um anacronismo vivo: Günter Grass mostra o mundo, como ele gira em torno de si mesmo e assim o mundo gira, quando tem que ser, também no outro sentido. Depende da perspectiva mítica. As mulheres com o seu cérebro de minhoca compreendem o que se passa quando a fantasia onipotente do poeta voa. Ele evita as bestas intelectuais que poderiam forçar um Grass divino para o solo profano das condições políticas através de palavras de protesto. Com razão: este grande poeta não consegue de outro modo, ele tem que ser adorado.

A admiração feminina é sem dúvida o catalisador na alquimia da criatividade grassiana. Sem Anna nenhum “O Tambor”, sem Veronika nenhum “O Linguado”, sem Ute nenhum epílogo e nenhum prêmio Nobel? Sem faísca nenhum fogo.

Quando o sol da história recai sobre homens especiais as suas musas não são geralmente notadas e somente a cada cem anos uma é finalmente digna de um bestseller. Por enquanto um lugar à sombra estará destinado as mulheres grassianas que atuavam antes da musa atual, apesar de que assim o brilho do prêmio nobel esteja na obra inteira do autor.

Ainda assim se abona à Günter Grass o fato de que ele não se ilude. Ele sabe muito bem como sugar de uma mulher tudo o que ela pode lhe dar. Ela precisa de três peitos para a criança escondida no homem. “O Linguado” é único como psicograma de um homem que uiva para uma mulher até que ele consegue gerar uma criança na sua barriga. Ele procria na prática e na literatura, ele precisa da gravidez autêntica da sua companheira para ficar mentalmente grávido. E como ele faz! Ele reparte a sua amada Veronika, como “Ilsebill”, nos diferentes aspectos da

<sup>1</sup> Cf. Revista “Der Spiegel” Nr. 40, 1999, p.298.

<sup>2</sup> Acadêmico do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras – UFRGS.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS



sua personalidade. Ele a devora como um canibal para dar à luz as “cozinheiras em mim (nove ou onze)”. Oh, lá, lá, que obsessão!

“O Linguado” deve ter trazido uma grande fortuna ao seu autor. Veronika, entretanto, não teve facilidades para educar a filha real. Só quando nenhuma criança, nenhum homem, nenhum ganha-pão a preocupavam mais, ela pôde desenvolver a sua própria criatividade como pintora.

Certamente é de admirar-se Günter Grass como pai de família quando ele reúne os seis filhos de seus diferentes relacionamentos, mais os filhos de suas mulheres não gerados por ele e todos os filhos dos filhos: uma proeza social, como se fosse de uma outra cultura, como a da poligamia. Porém a corte de Grass seria impensável sem a generosidade de uma mulher tradicional. “Utinha” como ele a chamava, parece vir de outros tempos, de uma era onde um disparate como a realização individual da mulher não tinha sido ainda descoberto.

#### Günter Grass : comentários<sup>4</sup>

*Tradução de Elke Diercks  
Revisão de Gina Brusamarello<sup>5</sup>*

#### referente à “Os três peitos”:

“...Os homens são amamentados junto as crianças e ficam contentes. Segundo a lenda, isso era possível, porque a mulher tinha três peitos, para que o inquieto homem, que busca sempre o utópico, uma outra coisa, pudesse sentir-se satisfeito, desde que começava a mamar”.

#### referente à emancipação feminina:

“...Eu sei que as mulheres emancipadas de hoje não gostam de ouvir, mas nós deveríamos lembrar quanto poder a mulher tinha na Idade Média, com o seu molho de chaves: somente ela era responsável pelos mantimentos da casa, os tinha sob seu controle e, com isso um imenso potencial de poder, do qual as mulheres de hoje, da maneira como atualmente é administrada a economia e até a alimentação da casa, não mais dispõem. Escrever sobre isso foi divertido. Queria dar uma olhada nessas coisas e tentar uma comparação com a atual exigência de poder que as mulheres somente conseguem, adaptando-se aos métodos masculinos, quer dizer,

<sup>4</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro. Vom Abenteuer der Aufklärung, Göttingen, Steidl Verlag, 1999, pp. 157, 162-165.

<sup>5</sup> Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras – UFRGS.  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n° 12, p. 49-51, out-dez, 2000.

tornando-se mulheres de carreira, subindo a escada do sucesso masculino e assumindo a rigidez do homem até superá-la, porque a mulher é obrigada a ser mais dura e mais competente do que o homem. Isso leva a uma desfiguração do que se entende por emancipação feminina”.

“...O processo da emancipação da mulher foi conduzido – como na virada do séc. XX – pelas mulheres da classe média e alta. Por isso cito August Bebel<sup>6</sup> e sua obra principal “A mulher e o socialismo”, na qual ele escreve sobre as mulheres trabalhadoras até hoje negligenciadas, sobre as “mulheres de baixa renda...Os desejos e idéias, o acréscimo de poder que queriam conquistar, tomaram outra direção”.

“...Até hoje o processo de emancipação sofre da falta de apoio entre as mulheres trabalhadoras. E por que deveriam apoiar? Qual é o interesse de uma mulher do grupo de baixa renda, em saber se a Senhora XY, com dois sobrenomes, do mesmo andar do chefe, consegue subir mais um degrau graças ao princípio da emancipação? Isso não a interessa. Ela deve até sentir medo, porque, quando essa mulher encontrar-se no poder, será possivelmente mais dura que o inseguro chefe masculino que ela tinha antes. Por isso a reação ao livro “O Linguado” por parte das feministas foi aquilo que se esperava. Foi uma briga divertida, mas em parte uma discussão séria e amarga pelo lado das mulheres, sem que elas percebessem o humor úmido e pegajoso do livro”.

<sup>6</sup> August Bebel (1840-1913), político alemão, um dos fundadores do partido comunista alemão. (N. da T.).



*Drei Brüste für das Kind im Kerl - Grass(Auto-retrato) (1974)  
Der Spiegel, Nº 40, 4/10/99, p. 298*

# Cronologia da vida e obra de Günter Grass

Tradução de Luciane Leipnitz<sup>1</sup>  
Revisão de Hedy Hofmann<sup>2</sup>

## Vida e Obra<sup>3,4</sup>

**16.10.1927** Nasce em Danzig (na época pertencente à Alemanha), atualmente Gdansk (Polônia).

“... onde está sepultada a fonte de minha literatura.”

Filho de um alemão protestante, pequeno proprietário de uma mercearia, e de uma católica de um grupo étnico eslavo (os Kaschuben).

Esta terceira nacionalidade, juntamente com a alemã e a polonesa, teve grande influência em sua obra, conforme ele mesmo declarou em uma entrevista:

*“Esses dois elementos (o alemão e o kaschubisch) estão permanentemente em conflito dentro de mim.”*

**1933-34** Frequentava a escola primária e secundária (*Gymnasium Conradinum*).

Já neste tempo, teve sua primeira experiência como escritor e escultor.

“Desde aproximadamente os treze, quatorze anos de idade, já estava decidido a ser artista. Pintor, escultor, era o que pensava ser.”

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>3</sup> NEUHAUS, Volker. Schreiben gegen die verstreichende Zeit-Zu Leben und Werk von Günter Grass. 2ª edição. München, dtv, 1998, p. 185

<sup>4</sup> Günter Grass – Ein Porträt. Bonn, Inter Nationes, 1989.

Aos 10 anos torna-se membro da *Jungvolk* (grupo iniciante que faz parte da juventude hitlerista) e aos 14 engaja-se na *Hitlerjugend* (juventude hitlerista), aos 15 trabalha como auxiliar na *Luftwaffe* (Força Aérea).

**1944-45** Aos 17 anos torna-se soldado na Segunda Guerra Mundial, servindo como artilheiro em carros blindados.

Ferido, é feito prisioneiro dos americanos na Baviera.

**1946-47** Deixa a prisão.

Vai para a cidade de Göttingen, onde pretende concluir seus estudos, mas logo deixa a escola.

Trabalha em uma mina de potássio nas proximidades de Hannover (seu primeiro encontro com a social-democracia).

**1947-48** Trabalha como aprendiz de artesão (*Steinmetz*) e escultor em Düsseldorf.

**1949-52** Frequenta a Academia de Arte de Düsseldorf.

**1951** Viaja à Itália.

**1952** Viaja a Paris.

**1952** Surgem as primeiras idéias para o livro *O Tambor* (*Die Blechtrommel*).

**1953** Muda-se para Berlim, para continuar seus estudos como escultor.

**1954** Casa-se com Anna Schwarz, uma bailarina suíça.

**1955** Conquista o terceiro lugar no prêmio do Concurso de Lírica da Süddeutschen Rundfunk (emissora de rádio do sul da Alemanha).

*Recebe convite para um congresso do Grupo 47 (sociedade de escritores alemães fundada em 1947, em Munique) em Berlim.*

**1956** Apresenta seus próprios desenhos no livro de poesias *Die Vorzüge der Windhühner*.

**1956-60** Reside em Paris e começa a escrever *O Tambor*.

**1957** Estréia de sua peça teatral "*Hochwasser*" em Frankfurt.

Nascem seus filhos gêmeos Raoul e Franz.

**1958** Congresso do Grupo 47 em "Ällgau", nos Alpes alemães.. Grass recebe o prêmio do Grupo 47 pela leitura de *O Tambor*.

Viaja para a Polônia.

Estréia de sua peça teatral "*Onkel, Onkel*" na cidade de Colônia.

**1959** Publica *O Tambor* e começa a trabalhar em *Gato e Rato* (*Katz und Maus*) e *Anos de Cão* (*Hundejahre*).

Estréia de sua peça teatral "*Noch zehn Minuten bis Buffalo*" na cidade de Bochum.

Segunda viagem para a Polônia.

**1960** Mudança de Paris para Berlim Ocidental, onde frequenta, até 1964, a Academia de Arte.

Terceira viagem para a Polônia.

Publicação do livro de poesias *Gleisdreieck*.

**1961** Primeira participação política na campanha de Willy Brandt e no SPD (Partido Socialista da Alemanha)

Publicação de *Gato e Rato*.

**1962** *O Tambor* é considerado, na França, o melhor livro estrangeiro.

Nasce sua filha Laura.

**1963** Publicação de *Anos de Cão*, que, juntamente com *O Tambor* e *Gato e Rato*, vem completar a **Trilogia de Danzig**.

**1964** Viaja aos Estados Unidos.



- 1965** Recebe o prêmio Georg-Büchner.
- Primeira grande viagem para a campanha eleitoral do SPD.
- Nasce seu filho Bruno.
- 1966** Estréia em Berlim o drama político “*Os plebeus ensaiam a insurreição*” (*Die Plebejer proben den Aufstand*). É filmado o romance Gato e Rato.
- Viaja aos Estados Unidos, à Tchecoslováquia e à Hungria.
- 1967** Publicação do livro de poesias *Ausgefragt*.
- Viagem para Israel.
- 1968** Recebe o prêmio Fontane.
- 1969** Recebe o prêmio Theodor-Heuss.
- Viaja para Romênia, Iugoslávia, Hungria e Tchecoslováquia.
- Segunda grande viagem para campanha eleitoral do SPD.
- Sua peça teatral “*Davor*” é representada no Teatro Schiller de Berlim.
- 1970** Viaja à União Soviética.
- Acompanha Willy Brandt a Varsóvia, para a assinatura do Pacto Alemão-Polonês.
- 1971** Viaja para Tanzânia e Israel.
- 1972** Publicação de *Do diário de uma lesma* (*Aus dem Tagebuch einer Schnecke*).
- 1973** Viaja com Willy Brandt para Israel.
- 1974** Nasce sua filha Helene.

- 1975** Viaja para a Índia.
- 1976** Publicação de *Mit Sophia in die Pile gegangen*, uma coleção de litografias e poesias sobre o tema de *O Linguado*.
- 1977** Publica *O Linguado (Der Butt)* e ganha o Prêmio Internacional Mondello em Palermo.
- 1978** Viaja para o Japão, Indonésia, Tailândia, Hong-Kong, Índia e Quênia.
- Recebe o prêmio Letteraria Viareggio e institui o prêmio Alfred-Döblin.
- Separa-se da esposa Anna Grass.
- 1979** Publicação de *Encontro em Telgte* (*Das Treffen in Telgte*). O filme *O Tambor* recebe o prêmio “Goldene Schale” do cinema alemão e a Palma de Ouro em Cannes.
- Casa-se com Ute Grunert.
- 1979** Viaja para o Alasca, China, Singapura, Jacarta, Manila e Cairo.
- 1980** O filme *O Tambor* recebe o Oscar de melhor filme estrangeiro.
- 1981** Viaja para Danzig a convite de um artista gráfico e apresenta seus trabalhos.
- 1982** Viaja para a Nicarágua.
- Recebe o prêmio Feltrinelli em Roma.
- 1986-87** Publicação de *A Ratazana* (*Die Rättin*).
- Permanece em Calcutá, na Índia, de setembro de 1986 a janeiro de 1987.
- 1988** Publicação de *Zunge zeigen*, gráficos e poesias que retratam a miséria do Terceiro Mundo, onde se inclui Calcutá.

Deixa a Academia de Artes de Berlim em razão desta ter se recusado a realizar uma cerimônia de solidariedade a Salman Rushdie.

Publicação de *Maus presságios* (*Unkenrufe*).

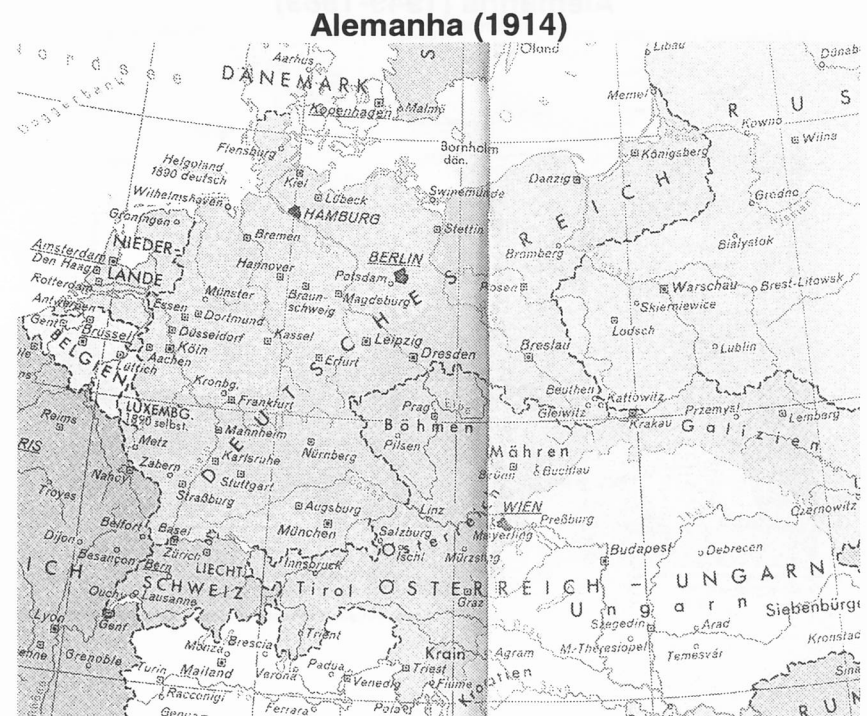
Publicação de *Um campo vasto* (*Ein weites Feld*).

Recebe o prêmio Thomas Mann da cidade de Lübeck.

Publicação do livro *Meu século* (*Mein Jahrhundert*).

Recebe o Prêmio Nobel de Literatura.

Reside atualmente em Behlendorf (estado de Schleswig-Holstein, norte da Alemanha).



Fonte: Putzger Historischer Weltatlas. Cornelsen: Berlin, p.120

